



História 1



Centro Educacional Evolução

Credenciado pela Portaria nº. 264/2009 SEDF

Tel: (61) 3562 0920 / 3046 2090

C-1 Lote 1/12 sobreloja 1 Edifício TTC

Taguatinga-DF

www.centroevolucão.com.br

SUMÁRIO

HISTÓRIA 1.....	4
PRÉ-HISTÓRIA.....	4
PALEOLÍTICO OU IDADE DA PEDRA LASCADA	4
MESOLÍTICO.....	5
NEOLÍTICO OU IDADE DA PEDRA POLIDA	5
EVOLUÇÃO DO HOMEM NA PRÉ-HISTÓRIA	6
AS PRIMEIRAS CIVILIZAÇÕES.....	6
SUMÉRIOS	6
BABILÔNIOS.....	7
ASSÍRIOS.....	7
GRÉCIA ANTIGA.....	9
IMPÉRIO ÁRABE	11
O ISLAMISMO	12
IMPÉRIO CAROLÍNGIO	14
IMPÉRIO BIZANTINO	15
FEUDALISMO	19
AS CRUZADAS	20
ABSOLUTISMO	24
A EXPANSÃO ULTRAMARINA.....	27
RENASCIMENTO.....	30
REFORMA PROTESTANTE.....	32
MERCANTILISMO.....	36

HISTÓRIA 1



PRÉ-HISTÓRIA

Podemos definir a pré-história como um período anterior ao aparecimento da escrita. Portanto, esse período é anterior há 4000 a.C, pois foi por volta deste ano que os sumérios desenvolveram a escrita cuneiforme.

Foi uma importante fase, pois o homem conseguiu vencer as barreiras impostas pela natureza e prosseguir com o desenvolvimento da humanidade na Terra. O ser humano foi desenvolvendo, aos poucos, soluções práticas para os problemas da vida. Com isso, inventando objetos e soluções a partir das necessidades. Ao mesmo tempo foi desenvolvendo uma cultura muito importante. Esse período pode ser dividido em três fases: Paleolítico, Mesolítico e Neolítico.

PALEOLÍTICO OU IDADE DA PEDRA LASCADA

O Paleolítico, também conhecido como Idade da Pedra Lascada, é a primeira fase da Idade da Pedra. Vai de 2 milhões a.C (época aproximada em que o homem fabricou o primeiro utensílio) até 10.000 a.C (início do Período Neolítico).

Nesta época, o ser humano habitava cavernas, muitas vezes tendo que disputar este tipo de habitação com animais selvagens. Quando acabavam os alimentos da região em que habitavam, as famílias tinham que migrar para uma outra região.

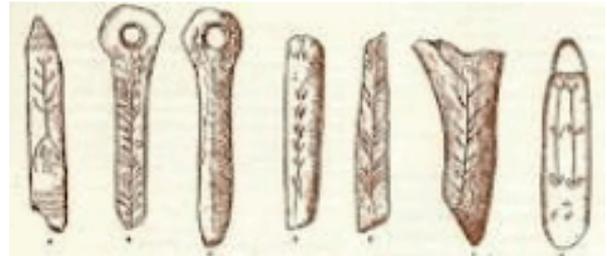
Desta forma, o ser humano tinha uma vida nômade (sem habitação fixa). Vivia da caça de animais de pequeno, médio e grande porte, da pesca e da coleta de frutos e raízes. Usavam instrumentos e ferramentas feitos a partir de pedaços de ossos e pedras. Os bens de produção eram de uso e propriedades coletivas.

Nesta fase, os seres humanos se comunicavam com uma linguagem pouco desenvolvida, baseada em pouca quantidade de sons, sem a elaboração de palavras. Uma das formas de comunicação eram as pinturas rupestres. Através deste tipo de arte, o homem trocava idéias e demonstrava sentimentos e preocupações cotidianas.

O Paleolítico, também conhecido como Idade da Pedra Lascada, é a primeira fase da Idade da Pedra. Vai de 2 milhões a.C (época aproximada em que o homem fabricou o primeiro utensílio) até 10.000 a.C (início do Período Neolítico).

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO PERÍODO PALEOLÍTICO:

Fabricação de ferramentas e caça



Exemplos de ferramentas do Período Paleolítico

Este período da Pré-História se caracteriza pela fabricação de ferramentas (machados, lanças, cajados, facas, etc.) e outros objetos de pedra, ossos e madeira. A vida neste período baseava-se na caça de animais, pesca e coleta de alimentos (frutos, folhas e raízes).

Nomadismo

Os homens deste período eram nômades, ou seja, se deslocavam constantemente de um local para outro em busca de água e alimentos. Como precisavam deixar o local constantemente, buscavam moradias provisórias como, por exemplo, cavernas e vãos entre rochas.

Economia

A economia na fase do Paleolítico era de subsistência, ou seja, não acumulavam nem produziam para o comércio, mas apenas para a sobrevivência do grupo. Os bens de produção do grupo (ferramentas, utensílios e outros objetos) eram de propriedade coletiva.

Organização social

Os homens se organizavam em pequenos grupos, cuja liderança era do mais forte e experiente. Aos homens cabia a tarefa de caçar, pescar e proteger o grupo. As mulheres ficavam com a função de preparar o alimento e cuidar dos filhos.

Comunicação

A comunicação neste período era baseada na emissão de pouca quantidade de sons (ruídos). Outra forma muito usada de comunicação foram as pinturas rupestres (desenhos feitos em paredes de cavernas).

Através destes desenhos (arte rupestre) eles marcavam o tempo, trocavam experiências e transmitiam mensagens e sentimentos.

O fogo



Produção do fogo no Paleolítico

Uma das grandes descobertas do período foi a produção do fogo. Este era produzido através de dois processos. O mais rudimentar era a fricção de duas pedras sob um maço de palha seca. A faísca obtida incendiava a palha. Num segundo procedimento, mais elaborado, um graveto era girado sob o furo de uma madeira seca. Este procedimento, através do aquecimento, gerava calor que passava para a palha, provocando o fogo.

MESOLÍTICO

O período Mesolítico é uma fase intermediária da Pré-história entre os períodos Paleolítico e Neolítico. Esta fase não ocorreu em todas as regiões do mundo, mas apenas naquelas onde a glaciação teve efeitos mais consideráveis. O Mesolítico teve início há, aproximadamente, 10 mil anos atrás e terminou com o desenvolvimento da agricultura.

O Mesolítico foi um período de transição, porém representou grandes avanços no sentido de garantir melhores condições de sobrevivência para o homem pré-histórico.

Neste período intermediário, o homem conseguiu dar grandes passos rumo ao desenvolvimento e à sobrevivência de forma mais segura. O domínio do fogo foi o maior exemplo disto. Com o fogo, o ser humano pôde espantar os animais, cozinhar a carne e outros alimentos, iluminar sua habitação além de conseguir calor nos momentos de frio intenso. Outros dois grandes avanços foram o desenvolvimento da agricultura e a domesticação dos animais. Cultivando a terra e criando animais, o homem conseguiu diminuir sua dependência com relação a natureza. Com esses avanços, foi possível a sedentarização, pois a habitação fixa tornou-se uma necessidade.

Neste período ocorreu também a divisão do trabalho por sexo dentro das comunidades. Enquanto o homem ficou responsável pela proteção e sustento das famílias, a mulher ficou encarregada de criar os filhos e cuidar da habitação.

Principais avanços do período Mesolítico:

- Domínio do fogo: com esta conquista o homem da Pré-história conseguiu espantar os animais selvagens que lhe representavam perigo. Foi possível também esquentar e iluminar a moradia, além de possibilitar o consumo de alimentos e carne cozida ou assada.

- Domesticação dos animais: possibilitou garantir uma reserva de alimento para o momento que houvesse necessidade, eliminando a dependência da caça.
- Desenvolvimento da agricultura: com este avanço, o homem da Pré-história deixou de ser nômade para ser sedentário. Diminuindo a dependência da natureza, a agricultura garantiu maior quantidade de alimentos.
- Divisão de trabalho por sexo: os homens ficaram responsáveis pelo sustento da família e segurança do local, enquanto às mulheres cabiam as funções de cuidar dos filhos e da organização da habitação. Esta divisão de trabalho melhorou a organização social na Pré-história, favorecendo o desenvolvimento das famílias.

NEOLÍTICO OU IDADE DA PEDRA POLIDA

Neolítico, também conhecido como Idade da Pedra Polida foi a fase da pré-história que ocorreu entre 12 mil e 4 mil a.C. O início deste período é marcado com o fim das glaciações (época em que quase todo planeta ficou coberto de gelo) e termina com o desenvolvimento da escrita na Suméria (região da Mesopotâmia).

Nesta época o homem atingiu um importante grau de desenvolvimento e estabilidade. Com a sedentarização, a criação de animais e a agricultura em pleno desenvolvimento, as comunidades puderam trilhar novos caminhos. Um avanço importante foi o desenvolvimento da metalurgia. Criando objetos de metais, tais como, lanças, ferramentas e machados, os homens puderam caçar melhor e produzir com mais qualidade e rapidez. A produção de excedentes agrícolas e sua armazenagem, garantiam o alimento necessário para os momentos de seca ou inundações. Com mais alimentos, as comunidades foram crescendo e logo surgiu a necessidade de trocas com outras comunidades. Foi nesta época que ocorreu um intenso intercâmbio entre vilas e pequenas cidades. A divisão de trabalho, dentro destas comunidades, aumentou ainda mais, dando origem ao trabalhador especializado.

Entre as principais características do Neolítico, podemos citar:

- Desenvolvimento da agricultura. Este avanço permitiu ao ser humano ter uma vida menos dependente da natureza. Não necessitava mais coletar frutos, vegetais e raízes.
- A domesticação dos animais (cabras, bois, porcos, cavalos e aves) também colaborou com a melhoria na qualidade de vida. Aliada a agricultura, a domesticação dos animais permitiu ao homem um aumento significativo na quantidade de produção de alimentos.
- Em decorrência do desenvolvimento da agricultura e domesticação dos animais, o ser humano deixou de ser nômade (sem moradia fixa) para tornar-se sedentário (com moradia fixa). Este fato permitiu o desenvolvimento das primeiras comunidades (tribos, aldeias, vilas e cidades).
- Estas primeiras comunidades desenvolviam-se às margens de rios e lagos. Além de suprir as necessidades básicas, a água assumia uma nova função na vida dos homens: irrigar o solo para o plantio.

Com o aumento na produção de alimentos, criou-se a necessidade de armazenamento. No Neolítico ocorreu um grande desenvolvimento da arte cerâmica.

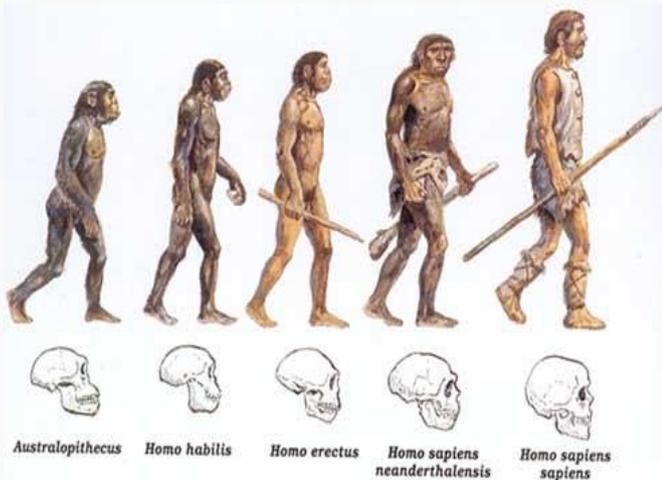
Nas primeiras comunidades que se formavam, a organização do trabalho tornou-se necessária. Os homens ficaram encarregados da caça, pesca e segurança (função militar de proteção). As mulheres ficaram com as tarefas de cuidar dos filhos, da agricultura e do preparo dos alimentos.

Com o aumento da produção ocorreu a geração de excedentes. Além de armazenarem para os períodos de maior necessidade, os homens começaram a trocar estes produtos com outras comunidades. Foi o início da economia de trocas.

Com mais alimentos, ocorreu um significativo aumento populacional. Este fato passou a gerar a necessidade de formas de administração mais desenvolvidas, inclusive com estabelecimento de lideranças e funções mais específicas dentro da comunidade. Ocorreu também, no Neolítico, um significativo desenvolvimento das práticas religiosas (rituais), culturais e artesanais.

EVOLUÇÃO DO HOMEM NA PRÉ-HISTÓRIA

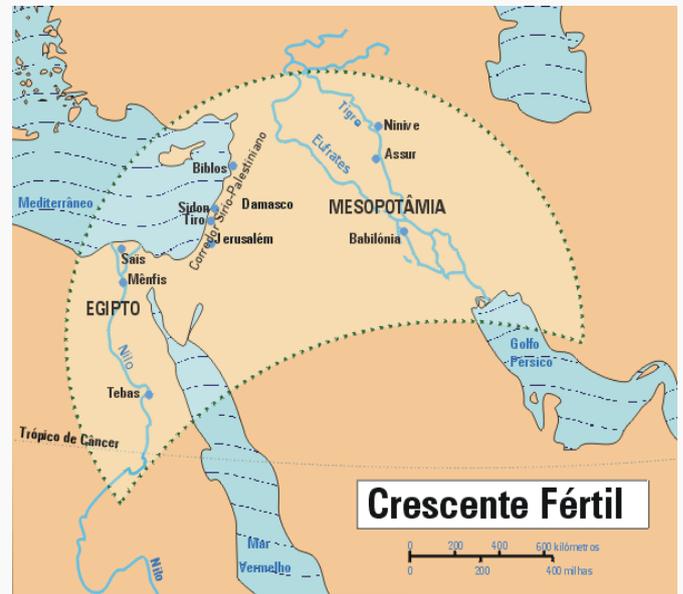
- a) Australopithecus
- b) Pithecanthropus erectus
- c) Homem de Neandertal
- d) Homem de Cro-Magnon - Homo Sapiens



AS PRIMEIRAS CIVILIZAÇÕES

A Mesopotâmia abrigou as primeiras sociedades conhecidas, por volta do IV milênio antes de Cristo.

O nome Mesopotâmia significa 'terra entre dois rios' foi atribuído à região pelos antigos gregos, dadas a sua localização entre os rios Tigre e Eufrates, ou seja, essa região ficou conhecida pela historiografia como "O Crescente Fértil". Atualmente, na maior parte antiga da Mesopotâmia localiza-se o Iraque, onde existem mais de 10 mil sítios arqueológicos, são fontes de estudos para se conhecer a história dos povos mesopotâmicos.



A prática da agricultura e da pecuária aconteceu em vários locais diferentes do mundo. A importância das atividades agrícolas pode ser exemplificada pelo fato de que, até o século VI a.C., não havia moeda cunhada na economia mesopotâmica. A cevada e alguns metais, como prata e o cobre, eram utilizados como padrão de valor nas trocas comerciais.

PRINCIPAIS POVOS

Na região mesopotâmica viveram diferentes povos: sumérios, acádios, babilônicos, assírios e caldeus. Ao longo da história, esses povos confrontaram-se em vários momentos. Grupos nômades e seminômades, das montanhas ou do deserto, atacavam as populações sedentárias que viviam nos vales e nas planícies, onde havia terras férteis para plantar e para criar rebanhos.

SUMÉRIOS

Desenvolveram um importante sistema de canalização dos rios para melhor armazenar a água para sua comunidade. Também criaram a escrita cuneiforme, registrando os detalhes de seus cotidianos através de placas de argila, e os zigurates, construções piramidais que serviam de armazenamento de produtos agrícolas e de prática religiosa. As cidades-Estado de Nipur, Lagash, Uruk e Ur datam da época dos sumérios.

BABILÔNIOS

Criaram os primeiros códigos de lei para controlar a sociedade, como as Leis de Talião (leia: Código de Hamurabi), formuladas pelo Imperador Hamurabi, que previam castigos severos aos criminosos de acordo com a gravidade de seus delitos. Por volta do século VII a.C., o Imperador Nabucodonosor II, que formava o Segundo Império Babilônico, ordenou que fossem construídos dois templos que serviriam de grande reverência arquitetônica: os Jardins Suspensos e a Torre de Babel.



Jardins Suspensos da Babilônia (pintura de Martin Heemskerck)

ASSÍRIOS

Tinham uma ampla organização militar e eram ávidos pela guerra. Quando dominavam determinados territórios, impunham castigos cruéis aos inimigos como forma de intimidá-los, para demonstrarem sua hegemonia.

Além destes, os acádios, caldeus e amoritas, dentre outros, também constituíram a sociedade mesopotâmica. Eles eram povos politeístas (acreditavam em vários deuses) e tinham uma ligação religiosa com a natureza.

Os povos da Mesopotâmia também desenvolveram a economia através da agricultura e dos pequenos comércios de caravanas, com base em uma política centralizada por um rei ou imperador.

Por volta do século VI a.C., o Império Persa se fortaleceu sob comando do Imperador Ciro II, que não poupou esforços para tomar o poder dos babilônios, que tinham pleno domínio da Mesopotâmia. A conquista dos persas acabou com as primeiras formas de dinâmica culturais que marcaram a sociedade de origem mesopotâmica, uma das pioneiras da Antiguidade.

TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS

A Mesopotâmia foi uma das primeiras regiões do mundo em que ocorreu a chamada "revolução agropastoril". O desenvolvimento da agricultura e da pecuária foi

modificando a forma como os grupos humanos se organizavam. Alguns deles começaram a controlar a produção de alimentos, permanecendo mais tempo nos lugares que ocupavam, passando a formar aldeias agrícolas e pastoris

Na agricultura destacam-se os cultivos de cavada (produção de pão), trigo, linho (confecção de tecidos), sésamo (gergelim, usado para extração de óleo para alimentação e iluminação), tâmaras, legumes, etc. Na pecuária, criavam-se ovelhas, cabras, porcos, bois e asnos.

PRIMEIRAS CIDADES

Algumas aldeias mesopotâmicas deram origem às primeiras cidades, como Ur, Uruk, Nippur, Kirch, Lagash e Eridu, por volta de 4 mil anos atrás. Formavam aglomerações com várias construções (casa, templos, ruas, pontes, palácios) eram geralmente cercadas por muralhas, visando a sua proteção.

Essas cidades continuavam muito ligadas à vida rural, misturando o espaço urbano com áreas de plantações ou pastoreio. No entanto, nas cidades surgiu um grande número de novos ofícios: carpinteiros, ourives, cortadores de pedra, ceramistas, pedreiros, tecelões e comerciantes. O possível surgimento das cidades é que o aumento da população nas aldeias toraram-se necessárias novas formas de organização de trabalho, da justiça, da religião, e da segurança dos habitantes e bens econômicos.

CENTRO DE PODER: OS TEMPLOS

Os povos da mesopotâmia eram politeístas, adoravam diversos, onde muitos eram relacionados com a natureza. As cerimônias religiosas eram dirigidas por um sacerdote, e era dividida em corporações que se dedicava a um determinado deus. As cidades tinham um deus protetor, que possuía um templo em sua homenagem.

Um rico patrimônio formado a partir das oferendas, os templos tinham um poder econômico a partir de um rico patrimônio em terras, rebanhos, plantações e oficinas artesanais, desenvolviam um ativo comércio com regiões vizinhas. Desenvolveram um sistema de escrita e numeração para controlar as economias e produção de alimentos.

CARACTERÍSTICAS GERAIS

De uma maneira geral, os estudiosos são absolutos em apontar a região do Crescente Fértil como aquela na qual se desenvolveram algumas das primeiras civilizações humanas, mais precisamente a egípcia e a mesopotâmica.

A partir de, aproximadamente, 4000 a.C., núcleos urbanos estavam se constituindo, as estruturas sociais das antigas comunidades já estavam em processo de dissolução e poderosos Estados eram organizados. Ao mesmo tempo, os primeiros sistemas de escritas (hieroglífica no Egito Antigo e cuneiforme na Mesopotâmia) eram desenvolvidos, e grandes obras de engenharia começavam a ser construídas.

De maneira geral, as sociedades da Antiguidade Oriental apresentavam as seguintes características:

- Produção de um significativo excedente agrícola necessário para garantir a subsistência de funcionários públicos, militares, sacerdotes, comerciantes e artesãos especializados;
- Expansão da atividade comercial necessária para garantir o abastecimento de matérias-primas essenciais que não existiam nas regiões em que se desenvolveram essas civilizações;
- Controle absoluto da economia por parte de um Estado fortemente centralizado;
- Crença no caráter divino dos monarcas;
- Existência de religiões politeístas com divindades representadas com a forma de homens, animais ou com corpo humano e a cabeça de animal (antropozoomorfismo);
- Desenvolvimento de expressivos conhecimentos no campo da matemática, da engenharia, da astronomia, da medicina, etc.;
- Construção de grandes obras arquitetônicas caracterizadas pela monumentalidade.

Assim como em outras civilizações da Antiguidade Oriental, também no Egito Antigo verificou-se o predomínio das atividades agrícolas, embora uma expressiva indústria artesanal também tenha se desenvolvido, responsável pela produção de tecidos, tijolos, artigos de couro, cerveja, armas, ferramentas, utensílios domésticos, jóias, etc. Por essa razão, na base da pirâmide social existia uma maioria absoluta de trabalhadores, incluindo camponeses, submetidos a trabalhos forçados e obrigados a pagar tributos ao Estado.

ESTUDO DIRIGIDO

1. Quais os principais povos da Antiguidade habitaram a região da Mesopotâmia?
 - a) Egípcios, gregos, romanos e hunos.
 - b) Babilônicos, assírios, sumérios, caldeus, amoritas e acádios.
 - c) Visigodos, burgúndios, ostrogodos e vândalos.
 - d) Hebreus, hititas e egípcios.
2. Qual a característica geográfica positiva que a região apresentava aos povos que ali viveram?
 - a) Presença de um vasto deserto com milhares de oásis.
 - b) Presença de florestas com grande quantidade de animais e árvores frutíferas.
 - c) Muitas montanhas com presença de vales férteis.
 - d) Presença de dois rios (Tigre e Eufrates) que garantia margens férteis (na época das cheias) para a agricultura, água para beber e peixes.
3. Um dos povos que habitaram a Mesopotâmia na Antiguidade foram os assírios. Qual das alternativas abaixo aponta características deste povo?
 - a) Tinham na guerra sua principal atividade. Agiam de forma extremamente cruel nas guerras e impunham castigos severos aos derrotados.

- b) Gostavam muito de arte e, portanto, destacaram-se pela construção de escolas de arte por toda Mesopotâmia.
- c) Eram excelentes comerciantes, mantendo relações mercantis com gregos, egípcios e hebreus.
- d) Buscavam de forma pacífica unir todos os povos da Mesopotâmia em prol de melhores condições de vida para todos.

4. No Paleolítico (Idade da Pedra Lascada) destacou-se a arte rupestre. Qual das alternativas abaixo explica o que era a arte rupestre?

- a) A arte rupestre era composta por representações gráficas (desenhos, símbolos, sinais) feitas em paredes de cavernas ou pedras pelos homens do período Paleolítico.
- b) Tipo de arte feita na Pré-história que se baseava na pintura de quadros e escultura em madeira.
- c) Pinturas feitas com sangue de animais nas paredes das primeiras igrejas, que surgiram neste período.
- d) Estilo artístico desenvolvido na Pré-História onde os artistas podiam expor suas obras de arte em pequenos museus e galerias de arte.

5. Qual das alternativas abaixo apresenta as principais características do período da Pré-História conhecido como Paleolítico?

- a) Os homens praticavam a agricultura e domesticavam animais.
- b) Os homens viviam em casas, organizadas em vilas, o poder ficava nas mãos de um chefe.
- c) Os homens faziam artefatos (ferramentas, armas, utensílios domésticos) de ferro e construíam suas casas de madeira e argila.
- d) Os homens habitavam cavernas, viviam da caça de animais e coleta de vegetais, usavam instrumentos feitos com ossos e pedras lascadas.

6. Estabeleça a relação entre as revoluções do Período Neolítico e o surgimento do modo de produção asiático.

GABARITO:

1. B
2. D
3. A
4. A
5. D
6. O modo asiático, definido a partir da propriedade estatal das terras e do poder teocrático, configurou-se no Oriente Médio e Próximo como produto das Revoluções Agrícola e Urbana, ocorridas no Período Neolítico.

GRÉCIA ANTIGA

A civilização grega surgiu entre os mares Egeu, Jônico e Mediterrâneo, por volta de 2000 AC. Formou-se após a migração de tribos nômades de origem indo-europeia, como, por exemplo, aqueus, jônios, eólios e dórios. As pólis (cidades-estado), forma que caracteriza a vida política dos gregos, surgiram por volta do século VIII a.C. As duas pólis mais importantes da Grécia foram: Esparta e Atenas.

EXPANSÃO DO POVO GREGO (DIÁSPORA)

Por volta dos séculos VII a.C. e V a.C. acontecem várias migrações de povos gregos a vários pontos do Mar Mediterrâneo, como consequência do grande crescimento populacional, dos conflitos internos e da necessidade de novos territórios para a prática da agricultura. Na região da Trácia, os gregos fundam colônias, na parte sul da Península Itálica e na região da Ásia Menor (Turquia atual). Os conflitos e desentendimentos entre as colônias da Ásia Menor e o Império Persa ocasiona as famosas Guerras Médicas (492 a.C. a 448 a.C.), onde os gregos saem vitoriosos.

Esparta e Atenas envolvem-se na Guerra do Peloponeso (431 a.C. a 404 a.C.), vencida por Esparta. No ano de 359 a.C. as pólis gregas são dominadas e controladas pelos Macedônios.

ECONOMIA DA GRÉCIA ANTIGA

A economia dos gregos baseava-se no cultivo de oliveiras, trigo e vinhedos. O artesanato grego, com destaque para a cerâmica, teve grande aceitação no Mar Mediterrâneo. As ânforas gregas transportavam vinhos, azeites e perfumes para os quatro cantos da península. Com o comércio marítimo os gregos alcançaram grande desenvolvimento, chegando até mesmo a cunhar moedas de metal. Os escravos, devedores ou prisioneiros de guerras foram utilizados como mão-de-obra na Grécia. Cada cidade-estado tinha sua própria forma político-administrativa, organização social e deuses protetores.

CULTURA E RELIGIÃO

Foi na Grécia Antiga, na cidade de Olímpia, que surgiram os Jogos Olímpicos em homenagem aos deuses. Os gregos também desenvolveram uma rica mitologia. Até os dias de hoje a mitologia grega é referência para estudos e livros. A filosofia também atingiu um desenvolvimento surpreendente, principalmente em Atenas, no século V (Período Clássico da Grécia). Platão e Sócrates são os filósofos mais conhecidos deste período.

A dramaturgia grega também pode ser destacada. Quase todas as cidades gregas possuíam anfiteatros, onde os atores apresentavam peças dramáticas ou comédias, usando máscaras. Poesia, a história, artes plásticas e a arquitetura foram muito importantes na cultura grega.

A religião politeísta grega era marcada por uma forte marca humanista. Os deuses possuíam características humanas e de deuses. Os heróis gregos (semi-deuses) eram os filhos de deuses com mortais. Zeus, deus dos deuses, comandava todos os demais do topo do monte Olimpo. Podemos

destacar outros deuses gregos: Atena (deusa das artes), Apolo (deus do Sol), Ártemis (deusa da caça e protetora das cidades), Afrodite (deusa do amor, do sexo e da beleza corporal), Démeter (deusa das colheitas), Hermes (mensageiro dos deuses) entre outros. A mitologia grega também era muito importante na vida desta civilização, pois através dos mitos e lendas os gregos transmitiam mensagens e ensinamentos importantes.

Os gregos costumavam também consultar os deuses no oráculo de Delfos. Acreditavam que neste local sagrado, os deuses ficavam orientando sobre questões importantes da vida cotidiana e desvendando os fatos que poderiam acontecer no futuro.

Na arquitetura, os gregos ergueram palácios, templos e acrópoles de mármore no topo de montanhas. As decisões políticas, principalmente em Atenas, cidade onde surgiu a democracia grega, eram tomadas na Ágora (espaço público de debate político).

GUERRA DO PELOPONESO

A guerra do Peloponeso foi um conflito armado entre Atenas (centro político e de civilização por excelência do mundo do século V a.C.) e Esparta (cidade de tradição militarista), de 431 a 404 a.C. A razão fundamental da guerra foi o crescimento do poder ateniense e o temor que o mesmo despertava entre os espartanos. A cidade de Corinto foi especialmente atuante, pressionando Esparta a fim de que esta declarasse guerra contra Atenas.

As relações entre Atenas e Esparta eram tensas, a partir de 450 a.C., houveram lutas frequentes e tréguas cíclicas, tudo pela disputa da hegemonia grega. Atenas, dominando politicamente a Liga de Delos, controlava o comércio marítimo com a sua poderosa frota, desfrutando igualmente de uma boa situação financeira. Esparta, por seu lado, assentava a sua estratégia política num exército imbatível e bem treinado, respondendo à Liga de Delos com uma confederação de cidades, a Liga do Peloponeso, que reunia, além da importante cidade marítima de Corinto, as cidades do Peloponeso (península no sul da Grécia) e da Grécia central. O crescente poderio e a riqueza inigualável de Atenas alarmava Esparta. A guerra era assim inevitável, como pensava Péricles, que acumulou uma notável reserva financeira para suportar um conflito em larga escala. No ano de 445 a.C. ainda se chegou a um acordo de paz que deveria durar trinta anos.

Na primavera de 431 a.C. - no Outono e no Inverno não se combatia -, Tebas, aliada de Esparta na Grécia Central, atacou Platéia, antiga aliada de Atenas, dando início à Guerra do Peloponeso, que durou 27 anos e envolveu quase todas as cidades-estados gregas, provocando o enfraquecimento da Grécia.

Esparta invadiu a Ática com seus aliados em 431 a.C. Péricles, avaliando corretamente a superioridade do exército terrestre de Esparta, convenceu os atenienses a refugiar a população do território da polis ateniense dentro das *longas muralhas* que ligavam Atenas a seu porto, o Pireu, e a evitar uma batalha em terra com o superior exército espartano. Atenas foi gravemente surpreendida pela deflagração de uma epidemia - conhecida como "Peste do Egito" - em 430 a.C., que matou cerca de um terço da população de Atenas, inclusive Péricles. Isso afetou o moral dos aliados de Atenas e provocou uma frustrada rebelião da ilha de Lesbos contra a

hegemonia da cidade ática. Apesar disso, a frota teve boa performance e foi estabelecida uma trégua de um ano, em 423 a.C.

A trégua, que deveria se prolongar durante cinquenta anos, durou somente seis. Alcibiades liderou um movimento de oposição a Esparta no Peloponeso; suas esperanças esvaneceram-se com a vitória de Esparta em Mantinéia, em 418 a.C. A saída para a crise do sistema democrático era uma grande vitória militar contra a Liga do Peloponeso. Assim, em 415 a.C. foi preparada uma grande e poderosa esquadra, comandada por Alcibiades, para atacar a cidade siciliana de Siracusa e outras regiões da Itália, colônias de onde provinham os alimentos para Esparta e seus aliados. Alcibiades, principal defensor da expedição à Sicília (415-413 a.C.) foi acusado de impiedoso por seus adversários políticos em Atenas. Alcibiades, então, fugiu para Esparta e traiu os atenienses.

Esparta enviou então um poderoso exército para a Sicília, o que resultou num completo desastre para Atenas. A frota e o exército atenienses foram desbaratados pelas forças espartanas diante de Siracusa.

Na cidade de Atenas, tomou o poder um grupo oligárquico partidário da paz. Mas a sublevação da armada de guerra, desejosa de reiniciar o conflito, forçou o restabelecimento da democracia e, com ela, a continuação da guerra.

Atenas havia perdido grande parte de sua frota na Sicília e estava falida e atormentada por convulsões políticas. Os espartanos aliaram-se aos Persas em troca do financiamento de uma frota de navios para invadir Atenas, deixando, assim, o caminho livre para que os medos conquistassem as colônias gregas da Jônia (Ásia Menor). A partir de então, os espartanos, ajudados pelo ouro dos persas e pelas habilidades estratégicas e táticas do espartano Lisandro alteraram a balança e subjugararam Atenas, pela fome. Esparta venceu a Guerra do Peloponeso após a rendição de Atenas em abril de 404 a.C. As condições de paz foram desastrosas para a cidade de Atenas, enquanto Esparta se convertia no centro hegemônico da Grécia.

Seguiu-se imediatamente um golpe oligárquico em Atenas, apoiado por Esparta. A oligarquia, com o apoio das tropas espartanas, tomou o poder dos democratas.



SAIBA MAIS:

Esse governo ficou conhecido como *Tiranía dos Trinta*, porque era formado por trinta oligarcas.

A Tiranía dos Trinta dissolveu a Confederação de Delos e entregou o resto da frota Ateniense a Esparta. A democracia foi restabelecida em 403 a.C.

ESTUDO DIRIGIDO

1. Sobre o processo de expansão das cidades gregas, ocorrido por volta de 750 a.C., assinale a alternativa correta.

- Todas as conquistas realizadas durante a segunda diáspora grega tiveram por base vias continentais em que os caminhos terrestres foram os de maior importância.
- Com a melhoria das técnicas de navegação, incluindo a utilização da âncora, foi possível a conquista de novas áreas via Mediterrâneo, impulsionando pelo grande crescimento populacional, dos conflitos internos e da necessidade de novos territórios para a prática da agricultura.
- A travessia dos mares pelos gregos foi dificultada pela ascensão do poder bélico do Império Fenício na Ásia.
- A exportação de gêneros alimentícios gregos para áreas conquistadas só foi possível devido ao desenvolvimento de novas técnicas e à alta produtividade agrícola.

2. Atenas foi considerada o berço do regime democrático no mundo antigo. Sobre o regime democrático ateniense, é CORRETO afirmar que:

- Era baseado na eleição de representantes para as Assembleias Legislativas, que se reuniam uma vez por ano na Ágora e deliberavam sobre os mais variados assuntos.
- Apenas os homens livres eram considerados cidadãos e participavam diretamente das decisões tomadas na Cidade-Estado.
- Os estrangeiros e mulheres maiores de 21 anos podiam participar livremente das decisões tomadas nas assembleias da Cidade-Estado.
- Era erroneamente chamado de democrático pois negava a existência de representantes eleitos pelo povo.
- A inexistência de escravos em Atenas levava a uma participação quase total da população da Cidade-Estado na política.

3. (FGV) A Guerra do Peloponeso (431 a.C.- 404 a.C.), que teve importância fundamental na evolução histórica da Grécia antiga, resultou, entre outros fatores, de:

- um confronto econômico entre as cidades que formavam a Confederação de Delos.
- um esforço da Pérsia para acabar com a influência grega na Ásia Menor.
- um conflito entre duas ideologias: Esparta, oligárquica, e Atenas, democrática.
- uma manobra de Esparta para aumentar a sua hegemonia marítima no mar Egeu.
- uma tentativa de Atenas para fracionar a Grécia em diversas cidades-estado.

4. (FGV) A Guerra do Peloponeso, ocorrida na Grécia entre 431 e 401 a.C., foi:

- uma guerra defensiva empreendida pelos gregos contra a invasão dos persas e a ameaça de perda de suas principais praças de comércio do Mar Mediterrâneo;
- uma luta entre dórios e aqueus na época da ocupação do território grego que resultou na formação das cidades de Esparta e Atenas;

- c) uma luta comandada pelas cidades de Esparta e Corinto contra a hegemonia da Confederação de Delos - liderada por Atenas - sobre o território grego;
- d) uma guerra entre gregos e romanos, pelo desejo de implantação de uma cultura hegemônica sobre os povos do Oriente Próximo;
- e) uma invasão do território grego pelas tropas de Alexandre - O Grande, na época de expansão do Império Macedônico que herdara de seu pai.

5. A respeito da "Liga de Delos", que seria a base do imperialismo ateniense, podemos dizer corretamente:

- a) decorreu da aliança de cidades gregas e persas contra, a expansão macedônica
- b) pretendia libertar algumas cidades gregas, lideradas pela cidade de Delos, da dominação espartana
- c) surgiu de um processo de sujeição ou de domínio exercido por Atenas sobre as demais cidades da Liga
- d) definia-se, de início, como uma aliança militar, que previa autonomia para seus participantes, reservando à Atenas o comando das operações
- e) mesmo sendo liderada por Atenas, Esparta apresenta grande influência sobre ela.

6. Dentre os legados dos gregos da Antiguidade Clássica que se mantêm na vida contemporânea, podemos citar:

- a) a concepção de democracia com a participação do voto universal.
- b) a promoção do espírito de confraternização por intermédio do esporte e de jogos.
- c) a idealização e a valorização do trabalho manual em todas suas dimensões.
- d) os valores artísticos como expressão do mundo religioso e cristão.
- e) os planejamentos urbanísticos segundo padrões das cidades-acrópoles.

GABARITO:

- 1. B
- 2. B
- 3. C
- 4. C
- 5. D
- 6. B

IMPÉRIO ÁRABE

O INÍCIO

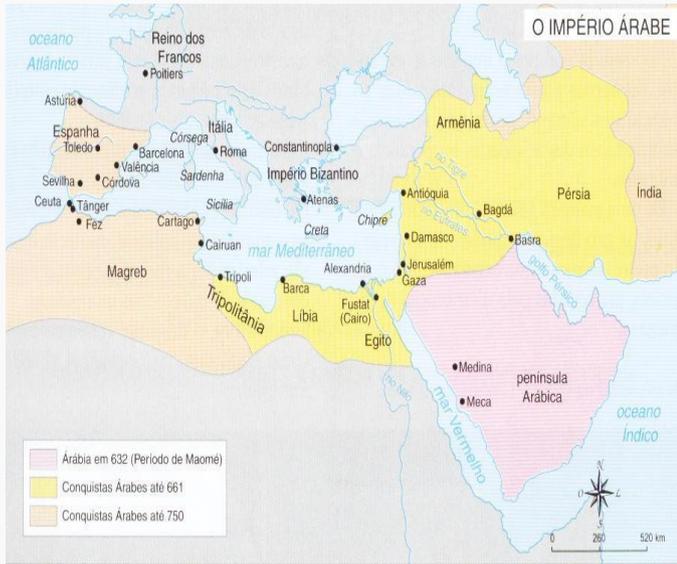
O surgimento do **Império Árabe** está ligado intimamente com o nascimento do islamismo. Até o século VII a Arábia era formada por diversas tribos, que tinham crenças, costumes e líderes diferentes. Após ter criado o islamismo, **Maomé** decidiu unir todas as tribos árabes sob o domínio de um único Estado, que seria baseado na **religião islâmica**. Maomé se tornou o chefe religioso e político de toda a região e quando morreu, em 632, deixou na cabeça de todos os árabes uma interrogação: Quem será o novo líder?



Maomé

O profeta Maomé faleceu sem deixar instruções de como a sua sucessão deveria ser feita. Alguns muçulmanos defendiam que Ali ibn Abi Talib, primo do profeta e genro do profeta, deveria assumir o posto de líder político-religioso, mas a maior parte da Ummah, como é chamada a comunidade muçulmana, optou por ter Abu Bakr, um dos sogros de Maomé, como seu califa. O governo de Abu durou apenas dois anos e foi marcado pelas tentativas de reconquistar os povos que, após morte de Maomé, buscaram voltar à independência. Abu Bakr indicou Umar Ibn Al-Kattab, um dos primeiros seguidores de Maomé, para seu sucessor e este governou entre 644 e 656 e durante esse período expandiu o território do Império Árabe, conquistando a Síria, a Palestina, o Egito e boa parte da Pérsia.

Antes disso, a Arábia era composta por povos semitas que, até o século VII, viviam em diferentes tribos. Apesar de falarem a mesma língua, estes povos possuíam diferentes estilos de vida e de crenças.



No campo cultural, artístico e literário deixaram grandes contribuições. A cultura árabe caracterizou-se pela construção de maravilhosos palácios e mesquitas. Destacam-se, nestas construções, os arabescos para ilustração e decoração. A literatura também teve um grande valor, com obras até hoje conhecidas no Ocidente, tais como: As mil e uma noites, As minas do rei Salomão e Ali Babá e os quarenta ladrões.

RELIGIÃO E POLÍTICA

Política e religião andam de mãos dadas em praticamente todos os países muçulmanos. E desde o surgimento do chamado Império Árabe essa parceria vem provocando desentendimentos e até guerras civis. Hoje os países que formavam o Império têm seu próprio governo, mas os aspectos culturais e religiosos continuam muito comuns a todos os povos que foram dominados pelos árabes.

ARÁBIA PRÉ-ISLÂMICA

Os beduínos eram nômades e levavam uma vida difícil no deserto, utilizando como meio de sobrevivência o camelo, animal do qual retiravam seu alimento (leite e carne) e vestimentas (feitas com o pêlo). Com suas caravanas, praticavam o comércio de vários produtos pelas cidades da região. Já as tribos coraixitas, habitavam a região litorânea e viviam do comércio fixo.

EXPANSÃO DO ISLAMISMO E A FORMAÇÃO DO IMPÉRIO

Foi após a morte do profeta, em 632, que a Arábia foi unificada. A partir desta união, impulsionada pela doutrina religiosa islâmica, foi iniciada a expansão do império árabe. Os árabes foram liderados por um califa, espécie de chefe político, militar e religioso.

Os seguidores do alcorão, livro sagrado, acreditavam que deveriam converter todos ao islamismo através da Guerra Santa. Firmes nesta crença, eles expandiram sua religião ao Iêmen, Pérsia, Síria, Omã, Egito e Palestina. Em 711, dominaram grande parte da península ibérica, espalhando sua cultura pela região da Espanha e Portugal. Em 732, foram vencidos pelos francos, que barraram a expansão deste povo pelo norte da Europa. Aos poucos, novas dinastias foram surgindo e o império foi perdendo grande parte de seu poder e força.

EXPANSÃO DA CULTURA ÁRABE

Durante o período de conquistas, ampliaram seu conhecimento através da absorção das culturas de outros povos, levando-as adiante a cada nova conquista. Foram eles que espalharam pela Europa grandes nomes como o de Aristóteles e também outros nomes da antiguidade grega. Eles fizeram ainda importantes avanços e descobertas médicas e científicas que contribuíram com o desenvolvimento do mundo ocidental.

Cultura

CONVERSÃO

Muitos povos se rendiam ao domínio Árabe para serem menos explorados e conforme o tempo foi passando vários deles começaram a se converter ao islamismo, apesar dessa prática não ser incentivada pelo Estado. Tendo em vista que os muçulmanos pagavam menos impostos que os não convertidos e uma "conversão em massa" traria uma queda significativa na arrecadação de tributos. A partir desse momento, ser muçulmano não significava mais ser árabe.

FIM DO IMPÉRIO

Seguiram-se outros califas e muitas guerras civis, intercaladas por momentos de paz, aconteceram devido a discordância de opiniões dos xiitas e sunitas. Administrar o Império foi se tornando cada vez mais difícil e o Califa não conseguia mais concentrar o poder todos nas próprias mãos. As províncias começaram a se desmembrar e no século XIV o Império Árabe não existia mais.

O ISLAMISMO

O conteúdo básico da doutrina islâmica está resumido nas seguintes regras essenciais:

- a) crença em Alá, o único Deus, e em Maomé, seu profeta;
- b) realizar cinco orações diárias;
- c) dar esmolas;
- d) jejuar durante o mês de Ramadã (mês considerado sagrado);
- e) visitar Meca uma vez na vida;
- f) fazer a Guerra Santa (djihad).

Destacam-se também a proibição de ingestão de bebidas alcoólicas, proibição de comer carne de porco e severa punição ao roubo.

Durante a pregação da nova religião, Maomé foi perseguido e quase assassinado. Fugiu de Meca para Yatreb (depois Medina) - episódio conhecido como Hégira, que marca o início do calendário muçulmano. Para evitar uma maior oposição às novas idéias religiosas, Maomé manteve o santuário da Caaba e a Pedra Negra, agora como um presente do anjo Gabriel.

Todos os princípios religiosos do Islamismo estão contidos no livro sagrado chamado **Alcorão**. Há um outro livro importante, denominado Suna, que contém relatos da vida e ensinamentos do profeta Maomé. Com a morte de Maomé a religião islâmica divide-se em seitas, sendo que as principais são:

- **SUNITAS:** Além do Alcorão, aceitam a Suna como fonte de ensinamento. Defendem que o califa (chefe do Estado muçulmano) reúna virtude de honra, respeito às leis e capacidade de trabalho. Não acham que o califa deva ser infalível em suas ações.
- **XIITAS:** Aceitam somente o Alcorão como a única fonte de ensinamentos. Defendem que o califa seja descendente do Profeta Maomé e que deva ser infalível em suas ações - pois é diretamente inspirado por Alá.

O terceiro califa, Uthman Ibn Affan, começou seu governo em 644. Foi nesse período que o texto oficial do **Alcorão** foi confeccionado e o Império Árabe aumentou ainda mais o seu domínio, conquistando completamente a Pérsia, e grandes porções da Ásia Menor e do norte da África.

As proporções territoriais enormes do Império Árabe dificultaram a administração e a corrupção começou a ser frequente nas elites árabes. Essa situação fez com que um grupo de pessoas que defendiam o primo e genro de Maomé, Ali Ibn Abi Talib, como califa ganhasse mais adeptos. Uthman foi assassinado durante esse período e Ali se tornou o quarto califa. Os partidários de Uthman acusaram Ali de ter praticado o assassinato e diante disso surgiram dois partidos políticos inimigos que existem até hoje: os xiitas e os sunitas.

Os xiitas apoiavam Ali e defendiam a ideia de que apenas familiares do profeta deveriam governar o povo muçulmano. Já que era esperado que ele fosse também um guia espiritual para o povo. Os sunitas, por sua vez, afirmavam que Maomé já havia feito toda revelação divina e que, por isso, o califa não precisava ser um guia espiritual.

ESTUDO DIRIGIDO

1. Leia as afirmações abaixo sobre o Alcorão.

- I. O Alcorão foi escrito por Alá e contém as bases da religião islâmica.
- II. Pode se dizer que o Alcorão é um documento histórico, pois traz informações sobre a formação do islamismo.
- III. Há nas páginas do Alcorão um claro incentivo aos ataques de homens-bomba.

Estão corretas:

- a) Somente a I está correta.
- b) Somente a II está correta.
- c) Somente a III está correta.
- d) Somente a I e II estão corretas.

e) Todas estão corretas.

2. Sobre a relação entre Oriente e Ocidente no presente, marque a CORRETA:

- a) Hoje o Oriente vem recebendo grande atenção por parte da TV, o que pôs fim ao preconceito contra aquela região.
- b) As diferenças entre orientais e ocidentais apareceram somente nos últimos anos graças ao aumento das informações.
- c) Apesar de termos mais informações sobre o Oriente ainda há muitas dificuldades para entendermos a realidade daqueles povos.
- d) As diferenças religiosas são pequenas, mas as culturas de Oriente e Ocidente ainda são bem diferentes.

3. Sobre o território onde surgiu o islamismo, marque a alternativa CERTA:

- a) O islamismo surgiu na Arábia, região marcada pelas várias inundações do rio Nilo.
- b) O islamismo teve origem em Portugal, após a expansão do povo do Oriente.
- c) O islamismo surgiu na Arábia e lá permaneceu isolado até pouco tempo atrás.
- d) O islamismo surgiu na Pérsia, sendo seus seguidores perseguidos pelos romanos.
- e) O islamismo surgiu na Arábia, uma região com clima seco e grandes desertos.

4. "Maomé foi o fundador do ___(1)___, religião ___(2)___ que crê em ___(3)___."

Completam corretamente os espaços (1), (2) e (3), respectivamente:

- a) (1) islamismo, (2) politeísta, (3) Cristo;
- b) (1) cristianismo, (2) monoteísta, (3) Alá;
- c) (1) islamismo, (2) monoteísta, (3) Alá;
- d) (1) judaísmo, (2) politeísta, (3) Alá;
- e) (1) islamismo, (2) monoteísta, (3) Cristo;

5. Qual das alternativas abaixo NÃO é um dos pilares do islamismo:

- a) Declaração de fé em Alá;
- b) Orações diárias;
- c) A peregrinação à Meca;
- d) A prática do jejum religioso;
- e) O culto às imagens de Maomé;

GABARITO:

1. B
2. C
3. E
4. C
5. E

IMPÉRIO CAROLÍNGIO

O Império Carolíngio, também conhecido como o Império de Carlos Magno, foi o momento de maior esplendor do Reino Franco (ocupava a região central da Europa). Este período ocorreu durante o reinado do imperador Carlos Magno (768 – 814). Ocupando grande parte da região central da Europa, este estado medieval é o embrião da atual França. Com a desagregação do Império Romano e a organização da sociedade feudal, inúmeros reinos se formaram. O reino Franco, formado na Gália (atual França), foi o mais duradouro desses novos territórios. Ali, a dinastia carolíngia sucedeu à dinastia merovíngia em 751, sendo fundada por Pepino, o Breve, que naquele ano depôs o último merovíngio e se fez eleger rei dos francos por uma assembleia do seu povo, para além da sacração papal em 754.

Em 768, a Dinastia Carolíngia foi entregue a Carlos Magno, monarca responsável pelo apogeu da dominação dos francos na Europa medieval. Seguindo uma política de tom expansionista, o novo rei promoveu o domínio de territórios situados na península itálica e entrou em luta contra os muçulmanos, estabelecendo a Marca Hispanica, na região sul dos Pirineus (espécie de zona neutra, destinada a isolar e proteger as fronteiras do império). Logo depois, conquistou a cidade de Barcelona, as ilhas Baleares e impôs sua dominação sob os povos saxões da Alemanha.

Com uma política voltada para o expansionismo militar, Carlos Magno expandiu o império, além dos limites conquistados por seu pai, Pepino, o Breve. Conquistou a Saxônia, Lombardia, Baviera, e uma faixa do território da atual Espanha.

Embora as conquistas militares tenham sido significativas, foi nas áreas cultural, educacional e administrativa que o Império Carolíngio demonstrou grande avanço. Carlos Magno preocupou-se em preservar a cultura greco-romana, investiu na construção de escolas, criou um novo sistema monetário e estimulou o desenvolvimento das artes. Graças a estes avanços, o período ficou conhecido como o Renascimento Carolíngio.

REFORMA EDUCACIONAL

Na área educacional, o monge inglês Alcuíno foi o responsável pelo desenvolvimento do projeto escolar de Carlos Magno. A manutenção dos conhecimentos clássicos (gregos e romanos) tornou-se o objetivo principal desta reforma educacional. As escolas funcionavam junto aos mosteiros (escolas monacais), aos bispados (escolas catedrais) ou às cortes (escolas palatinas). Nestas escolas eram ensinadas as sete artes liberais: aritmética, geometria, astronomia, música, gramática, retórica e dialética.

ADMINISTRAÇÃO TERRITORIAL

Formando um vasto território, Carlos Magno teve grande preocupação em organizar administrativamente as regiões conquistadas. Para tanto, criou um sistema bem eficiente, onde realizou a doação de terras a todos os nobres que o auxiliavam durante as batalhas. Além disso, dividiu todos os domínios imperiais em duzentos condados que seriam geridos por um nobre e um bispo. O controle do poder

exercido por esses líderes locais era fiscalizado por um funcionário público chamado MISSI DOMINICI (“enviados do senhor”). Ou seja, eles deveriam verificar e avisar ao imperador sobre a cobrança dos impostos, aplicação das leis e etc.

ARTE CAROLÍNGIA

A arte sofreu uma grande influência das culturas grega, romana e bizantina. Destacam-se a construção de palácios e igrejas. As iluminuras (livros pequenos com muitas ilustrações, com detalhes em dourado) e os relicários (recipientes decorados para guardar relíquias sagradas) também marcaram este período.

COROAÇÃO

No ano de 800, um importante fato histórico representou o poder de Carlos Magno. Aproximou-se da Igreja Católica e foi coroado imperador, do Sacro Império Romano-Germânico, pelo papa Leão III. Desta forma, colocou-se como um defensor e disseminador da fé cristã pelas terras dominadas.

PRINCIPAIS REGIÕES CONQUISTADAS POR CARLOS MAGNO

- Conquista da Alemanha em 772.
- Conquista da Pavia em 774.
- Anexação do Ducado de Friuli (Itália).
- Conquista das Ilhas Baleares em 779.
- Conquista do Ducado de Spoleto na Itália em 780.
- Tomada da cidade de Barcelona em 801.

ENFRAQUECIMENTO DO IMPÉRIO

Após a morte de Carlos Magno, em 814, o Império Carolíngio perdeu força. As terras do império foram divididas entre seus três filhos por meio do Tratado de Verdun (843). Carlos, o Calvo, ficou com a França Ocidental (que deu origem ao Reino da França); Luís, o Germânico, com a França Oriental (a futura Alemanha); e Lotário, com a França Central, repartida após a sua morte, em 870, entre Carlos e Luís.

Após esta divisão, outras mais ocorreram dentro do que antes fora o Império Carolíngio. Estas divisões fortalecem os senhores locais, contribuindo para a descentralização política que, somada a uma onda de invasões sobre a Europa, à partir do século IX (normandos, magiares e muçulmanos) contribuem para a cristalização do feudalismo.

Com a morte de Carlos Magno, em 814, em 987, morre o último soberano carolíngio da França Ocidental, Luís V, e os aristocratas escolheram Hugo Capeto, Conde de Paris, como rei. É o fim da dinastia carolíngia sobre a França, dando origem à dinastia capetíngia, que governou o país até o século XIV.

IMPÉRIO BIZANTINO

O **Império Bizantino** foi herdeiro do **Império Romano do Oriente** tendo sua capital em **Constantinopla** ou Nova Roma. Durante o seu período de existência, o grande governante que teve em sua região foi Justiniano, um legislador que mandou compilar as leis romanas desde a República até o Império; combateu as heresias, procurando dar unidade ao cristianismo, o que facilitaria na monarquia.



No século IV o Império Romano dava sinais claros da queda de seu poder no ocidente, principalmente em função da invasão dos bárbaros (povos germânicos) através de suas fronteiras. Diante disso, o Imperador Constantino transferiu a capital do Império Romano para a cidade oriental de Bizâncio, que passou a ser chamada de Constantinopla. Esta mudança, ao mesmo tempo em que significava a queda do poder no ocidente, tinha o seu lado positivo, pois a localização de Constantinopla, entre o mar Negro e o mar Mármara, facilitava muito o comércio na região, fato que favoreceu enormemente a restauração da cidade, transformando-a em uma Nova Roma.

REINADO DE JUSTINIANO

O auge deste império foi atingido durante o reinado do imperador Justiniano (527-565), que visava reconquistar o poder que o Império Romano havia perdido no ocidente. Com este objetivo, ele buscou uma relação pacífica com os persas, retomou o norte da África, a Itália e a Espanha. Durante seu governo, Justiniano recuperou grande parte daquele que foi o Império Romano do Ocidente.

RELIGIÃO

A religião foi fundamental para a manutenção do Império Bizantino, pois as doutrinas dirigidas a esta sociedade eram as mesmas da sociedade romana. O cristianismo ocupava um lugar de destaque na vida dos bizantinos e podia ser observado, inclusive, nas mais diferentes manifestações

artísticas. As catedrais e os mosaicos bizantino estão entre as obras de arte e arquitetura mais belos do mundo.

Os monges, além de ganhar muito dinheiro com a venda de ícones, também tinham forte poder de manipulação sobre sociedade. Entretanto, incomodado com este poder, o governo proibiu a veneração de imagens, a não ser a de Jesus Cristo, e decretou pena de morte a todos aqueles que as adorassem. Esta guerra contra as imagens ficou conhecida como A Questão Iconoclasta.

A CULTURA BIZANTINA

O povo bizantino era muito religioso e exerciam os debates teológicos. Muitas questões teológicas foram discutidas, destacando-se:

- o monofisismo: tese que negava a dupla natureza de Cristo-humana e divina. Segundo o monofisismo, Cristo tinha uma única natureza: a divina.
- a iconoclastia: movimento que pregava a destruição de imagens sagradas (ícones).

Nas artes, os bizantinos destacaram-se na Arquitetura: construção de fortalezas, palácios, mosteiros e igrejas.

A mais exuberante das igrejas foi a Igreja de Santa Sofia, construída no reinado de Justiniano. A característica da arquitetura bizantina era o uso da cúpula.

Os bizantinos também se destacaram na arte do mosaico, utilizados na representação de figuras religiosas, de políticos importantes e na estilização de plantas e animais.

SOCIEDADE BIZANTINA

A sociedade bizantina era totalmente hierarquizada. No topo da sociedade encontrava-se o imperador e sua família. Logo abaixo vinha a nobreza formada pelos assessores do rei. Abaixo destes estava o alto clero. A elite era composta por ricos fazendeiros, comerciantes e donos de oficinas artesanais. Uma camada média da sociedade era formada por pequenos agricultores, trabalhadores das oficinas de artesanato e pelo baixo clero. Grande parte da população era formada por pobres camponeses que trabalhavam muito, ganhavam pouco e pagavam altas taxas de impostos.

CRISE E TOMADA DE CONSTANTINOPLA

Após a morte de Justiniano, o Império Bizantino ficou a mercê de diversas invasões, e, a partir daí, deu-se início a queda de Constantinopla. Com seu enfraquecimento, o império foi dividido entre diferentes realezas feudais. Constantinopla teve sua queda definitiva no ano de 1453, após ser tomada pelos turcos.

ATUALIDADE

Atualmente, Constantinopla é conhecida como Istambul e pertence à Turquia. Apesar de um passado turbulento, seu centro histórico encanta e impressiona muitos turistas devido à riquíssima variedade cultural que dá mostras dos diferentes povos e culturas que por lá passaram.

ESTUDO DIRIGIDO

1. Entre os fatores citados abaixo, assinale aquele que NÃO concorreu para a difusão da civilização bizantina na Europa ocidental:

- a) Fuga dos sábios bizantinos para o Ocidente, após a queda de Constantinopla;
- b) Expansão da Reforma Protestante, que marcou a quebrada unidade da Igreja Católica;
- c) Divulgação e estudo da legislação de Justiniano, conhecida como *Corpus Juris Civilis*;
- d) Intercâmbio cultural ligado ao movimento das Cruzadas;
- e) Contatos comerciais das repúblicas marítimas italianas com os portos bizantinos nos mares Egeu e Negro.

2. Em relação ao Império Bizantino, é certo afirmar que:

- a) o governo era ao mesmo tempo teocrático e liberal;
- b) o Estado não tinha influência na vida econômica;
- c) o comércio era sobretudo marítimo;
- d) o Império Bizantino nunca conheceu crises sociais;
- e) o imperialismo bizantino restringiu-se à Ásia Menor.

3. A Hégira assinala:

- a) um marco histórico para o início do calendário judaico;
- b) a reunificação do Império Romano sob Justiniano;
- c) a tomada de Constantinopla pelos turcos;
- d) a fuga de Maomé de Meca para Medina;
- e) o domínio dos navegantes escandinavos sobre os mares Báltico e do Norte.

4. A sequência das conquistas muçulmanas foi a seguinte:

- a) Oriente Médio e Extremo Oriente;
- b) Extremo Oriente e Oriente Médio;
- c) Mediterrâneo Ocidental e Oriente Médio;
- d) Oriente Médio e Mediterrâneo Oriental;
- e) Oriente Médio e Mediterrâneo Ocidental.

5. Qual das razões abaixo NÃO se coloca para explicar a expansão do Islã?

- a) centralização política;
- b) explosão demográfica;
- c) promessas do Paraíso;
- d) razzias e botim;
- e) todas se colocam.

6. A importância da Batalha de Poitiers, em 732, no contexto da história da Europa, justifica-se em função de que:

- a) os cristãos foram derrotados pelos árabes, consolidando-se o feudalismo europeu;
- b) a derrota árabe frente ao Reino Franco impediu a islamização do Ocidente;
- c) a partir daí teve início a Guerra de Reconquista na Península Ibérica;
- d) esse evento assinalou o limite da expansão cristã no Mediterrâneo.

7. A conversão e batismo de Clóvis, após a Batalha de Tolbiac, explicam-se principalmente:

- a) pela insistência de sua mulher Clotilde;
- b) pela insistência dos bispos da Gália;
- c) pela insistência do papa Gregório Magno;
- d) pelo fato de que a maior parte da população da Gália era cristã;
- e) por orientação dos Major Domus.

8. O declínio da Dinastia dos Merovíngios no Reino Franco permitiu o aparecimento de um novo chefe político de fato, a saber:

- a) o condestável
- b) o tesoureiro
- c) o major domus
- d) o missi dominici
- e) o marquês.

9. A penetração dos bárbaros no Império Romano:

- a) foi realizada sempre através de invasões armadas;
- b) realizou-se a partir do século VI, quando o Império entrou em decadência;
- c) verificou-se inicialmente sob a forma de migração pacíficas e, posteriormente, através de invasões armadas;
- d) foi realizada sempre de maneira pacífica;
- e) verificou-se principalmente nos séculos II e III.

GABARITO

- 1.B
- 2.C
- 3.D
- 4.E
- 5.A
- 6.B
- 7.D
- 8.C
- 9.C

ROMA ANTIGA E O IMPÉRIO ROMANO

A história de Roma Antiga é fascinante em função da cultura desenvolvida e dos avanços conseguidos por esta civilização. De uma pequena cidade, tornou-se um dos maiores impérios da antiguidade. Dos romanos, herdamos uma série de características culturais. O direito romano, até os dias de hoje está presente na cultura ocidental, assim como o latim, que deu origem a língua portuguesa, francesa, italiana e espanhola.

ORIGEM DE ROMA: EXPLICAÇÃO MITOLÓGICA

Os romanos explicavam a origem de sua cidade através do mito de Rômulo e Remo. Segundo a mitologia romana, os gêmeos foram jogados no rio Tibre, na Itália. Resgatados por uma loba, que os amamentou, foram criados posteriormente por um casal de pastores. Adultos, retornam a cidade natal de Alba Longa e ganham terras para fundar uma nova cidade que seria Roma.

ORIGENS DE ROMA: EXPLICAÇÃO HISTÓRICA

De acordo com os historiadores, a fundação de Roma resulta da mistura de três povos que foram habitar a região da Península Itálica: gregos, etruscos e itálicos. Desenvolveram na região uma economia baseada na agricultura e nas atividades pastoris. A sociedade, nesta época, era formada por patrícios (nobres proprietários de terras) e plebeus (comerciantes, artesãos e pequenos

proprietários). O sistema político era a monarquia, já que a cidade era governada por um rei de origem patricia.

A religião neste período era politeísta, adotando deuses semelhantes aos dos gregos, porém com nomes diferentes. Nas artes destacava-se a pintura de afrescos, murais decorativos e esculturas com influências gregas.

REPÚBLICA ROMANA (509 A.C. A 27 A.C)

Durante o período republicano, o senado Romano ganhou grande poder político. Os senadores, de origem patricia, cuidavam das finanças públicas, da administração e da política externa. As atividades executivas eram exercidas pelos cônsules e pelos tribunos da plebe.

A criação dos tribunos da plebe está ligada às lutas dos plebeus por uma maior participação política e melhores condições de vida.

Em 367 a.C. foi aprovada a Lei Licínia, que garantia a participação dos plebeus no Consulado (dois cônsules eram eleitos: um patricio e um plebeu). Esta lei também acabou com a escravidão por dívidas (válida somente para cidadãos romanos).

FORMAÇÃO E EXPANSÃO DO IMPÉRIO ROMANO

Após dominar toda a península itálica, os romanos partiram para as conquistas de outros territórios. Com um exército bem preparado e muitos recursos, venceram os cartagineses, liderados pelo general Anibal, nas Guerras Púnicas (século III a.C). Esta vitória foi muito importante, pois garantiu a supremacia romana no Mar Mediterrâneo. Os romanos passaram a chamar o Mediterrâneo de *Mare Nostrum*.

Após dominar Cartago, Roma ampliou suas conquistas, dominando a Grécia, o Egito, a Macedônia, a Gália, a Germânia, a Trácia, a Síria e a Palestina.

Com as conquistas, a vida e a estrutura de Roma passaram por significativas mudanças. O império romano passou a ser muito mais comercial do que agrário. Povos conquistados foram escravizados ou passaram a pagar impostos para o império. As províncias (regiões controladas por Roma) renderam grandes recursos para Roma. A capital do Império Romano enriqueceu e a vida dos romanos mudou.

PRINCIPAIS IMPERADORES ROMANOS:

Augusto (27 a.C. - 14 d.C), Tibério (14-37), Calígula (37-41), Nero (54-68), Marco Aurelio (161-180), Comodo (180-192).

CULTURA ROMANA

A cultura romana foi muito influenciada pela cultura grega. Os romanos "copiaram" muitos aspectos da arte, pintura e arquitetura grega.

Os balneários romanos espalharam-se pelas grandes cidades. Eram locais onde os senadores e membros da

aristocracia romana iam para discutirem política e ampliar seus relacionamentos pessoais.

A língua romana era o latim, que depois de um tempo espalhou-se pelos quatro cantos do império, dando origem na Idade Média, ao português, francês, italiano e espanhol.

A mitologia romana representava formas de explicação da realidade que os romanos não conseguiam explicar de forma científica. Trata também da origem de seu povo e da cidade que deu origem ao império. Entre os principais mitos romanos, podemos destacar: Rômulo e Remo e O rapto de Proserpina.

RELIGIÃO ROMANA

Os romanos eram politeístas, ou seja, acreditavam em vários deuses. A grande parte dos deuses romanos foram retirados do panteão grego, porém os nomes originais foram mudados. Muitos deuses de regiões conquistadas também foram incorporados aos cultos romanos. Os deuses eram antropomórficos, ou seja, possuíam características (qualidades e defeitos) de seres humanos, além de serem representados em forma humana. Além dos deuses principais, os romanos cultuavam também os deuses lares e penates. Estes deuses eram cultuados dentro das casas e protegiam a família.

Principais deuses romanos: Júpiter, Juno, Apolo, Marte, Diana, Vênus, Ceres e Baco.

CRISE E DECADÊNCIA DO IMPÉRIO ROMANO

Por volta do século III, o império romano passava por uma enorme crise econômica e política. A corrupção dentro do governo e os gastos com luxo retiraram recursos para o investimento no exército romano. Com o fim das conquistas territoriais, diminuiu o número de escravos, provocando uma queda na produção agrícola. Na mesma proporção, caía o pagamento de tributos originados das províncias.

Em crise e com o exército enfraquecido, as fronteiras ficavam a cada dia mais desprotegidas. Muitos soldados, sem receber salário, deixavam suas obrigações militares.

Os povos germânicos, tratados como bárbaros pelos romanos, estavam forçando a penetração pelas fronteiras do norte do império. No ano de 395, o imperador Teodósio resolve dividir o império em: Império Romano do Ocidente, com capital em Roma e Império Romano do Oriente (Império Bizantino), com capital em Constantinopla.

Em 476, chega ao fim o Império Romano do Ocidente, após a invasão de diversos povos bárbaros, entre eles, visigodos, vândalos, burgúndios, suevos, saxões, ostrogodos, hunos etc. Era o fim da Antiguidade e início de uma nova época chamada de Idade Média.

CONSEQUÊNCIAS DA CRISE IMPERIAL

- **ÊXODO URBANO:** uma saída da população urbana para o campo, fugindo da crise econômica e dos bárbaros. No campo, esta população tinha uma oportunidade de trabalho, pois em virtude da diminuição do número de escravos, os grandes proprietários passam a necessitar

de força de trabalho.

- **O COLONATO:** como solução para a falta de força de trabalho e de uma forte onda inflacionária, desenvolve-se no campo o regime de colonato, onde o grande proprietário arrenda lotes de terras para os camponeses que, em troca, trabalhavam e produziam para o grande proprietário. O colono passa a ser um homem preso à terra. A economia passa a ser autossuficiente.
- **INFLAÇÃO:** com a queda da produção agrícola, o Estado tem sua arrecadação de impostos diminuída e, em contrapartida, um aumento das despesas - como a manutenção do exército para a defesa das fronteiras dos ataques bárbaros. Na falta de dinheiro, o Estado passa a exercer uma política e missionista (emissão de moeda) provocando uma desvalorização do dinheiro. Sem dinheiro, o Estado inicia a sua falência.
- **CRISE MILITAR:** sem recursos para manter o exército, o Estado romano passa a recrutar bárbaros para defender as suas fronteiras, que em troca do serviço prestado recebiam terras. No campo, a ausência militar e a necessidade de garantir a propriedade, leva o grande proprietário a contratar mercenários para a defesa da terra, criando um exército pessoal.
- **O CRISTIANISMO:** um outro elemento que contribuiu para a crise de Roma foi a difusão da religião cristã. O fortalecimento do cristianismo ocorria, simultaneamente, com o enfraquecimento de Roma. Os cristãos não aceitavam as instituições romanas, ligadas ao paganismo; não reconheciam a divindade do imperador e não aceitavam a escravidão. As autoridades romanas iniciam uma política de perseguição sistemática aos cristãos, considerando-os culpados por todas as calamidades que ocorriam. No entanto, quanto mais os cristãos eram perseguidos e torturados, maior o número de adeptos.

LEGADO ROMANO

Muitos aspectos culturais, científicos, artísticos e linguísticos romanos chegaram até os dias de hoje, enriquecendo a cultura ocidental. Podemos destacar como exemplos deste legado: o Direito Romano, técnicas de arquitetura, línguas latinas originárias do Latim (Português, Francês, Espanhol e Italiano), técnicas de artes plásticas, filosofia e literatura.

ESTUDO DIRIGIDO

1. O Estado Romano no Baixo Império caracterizou-se pela:

- a) aceitação do princípio da intervenção do Estado na vida social e econômica;
- b) tentativa de conduzir os negócios públicos exclusivamente a partir de um determinado grupo social;
- c) estabilidade nas relações entre o poder central e os governos provinciais;
- d) perfeita harmonia dos órgãos legislativos quanto às idéias de expansão territorial;
- e) absoluta identidade de pensamento quanto às atitudes frente ao problema religioso.

2. Entre as reformas introduzidas em Roma por Augusto, podemos citar:

- a) o estabelecimento do divórcio;
- b) a drástica redução dos efetivos militares;
- c) a restauração do antigo sistema de cobrar os impostos provinciais;
- d) a criação de um sistema centralizado nos tribunais;
- e) a redução da autonomia das províncias.

3. Diocleciano (284-304) e Constantino (312-337) destacaram-se na história do Império Romano por terem:

- a) conquistado e promovido a romanização da Lusitânia, incorporando-a ao Império;
- b) introduzido em Roma costumes religiosos e políticos dos etruscos;
- c) concedido à plebe defensores especiais - os tribunos da plebe - que protegiam seus direitos;
- d) consolidado o Direito Romano na chamada *Lex Duodecim Tabularum*;
- e) estabelecido medidas visando deter a crise que abalava o Império.

4. Os irmãos Graco:

- a) defenderam os camponeses sem terra contra a aristocracia;
- b) foram os conquistadores de Cartago;
- c) eram os principais líderes do partido aristocrático;
- d) elaboraram a primeira lei escrita de Roma;
- e) foram os autores da Lei das Doze Tábuas.

5. A expansão de Roma durante a República, com o consequente domínio da Bacia do Mediterrâneo, provocou sensíveis transformações sociais e econômicas, entre as quais:

- a) um marcante processo de industrialização, êxodo urbano e endividamento do Estado;
- b) o fortalecimento da classe plebéia, expansão da pequena propriedade e propagação do cristianismo;
- c) o crescimento da economia agropastoril, intensificação das exportações e aumento do trabalho livre;
- d) o enriquecimento do Estado Romano, aparecimento de uma poderosa classe de comerciantes e aumento do número de escravos;
- e) a diminuição da produção nos latifúndios, acentuado processo inflacionário e escassez de mão-de-obra escrava.

6. A República foi um dos mais significativos períodos da história romana, marcado por:

- a) intensas lutas sociais envolvendo patrícios e plebeus;
- b) uma tendência ao expansionismo, cuja primeira etapa foi a conquista da Itália;
- c) uma forte presença do Senado que, entre outras funções, administrava as províncias, supervisionava as finanças públicas e conduzia a política externa;
- d) uma vitória decisiva sobre Cartago (Guerras Púnicas), que abriu as portas do Mediterrâneo à dominação romana;
- e) uma equiparação da elite patricia com a classe plebéia, em termos de poder político e de força econômica, como decorrência de suas conquistas.

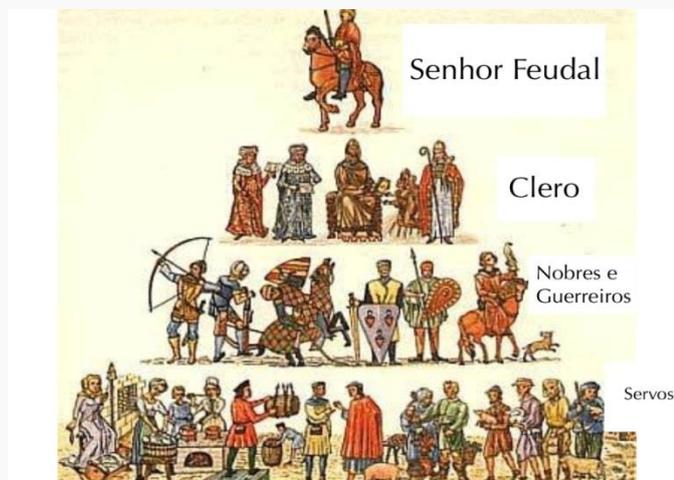
7. Sobre a ruralização da economia ocorrida durante a crise do Império Romano, podemos afirmar que:

- a) proporcionou ao Estado a oportunidade de cobrar mais eficientemente os impostos;
- b) foi a causa principal da falta de escravos;
- c) foi consequência da crise econômica e da insegurança provocada pela invasões dos bárbaros;
- d) incentivou o crescimento do comércio;
- e) proporcionou às cidades o aumento de suas riquezas.

GABARITO:

- 1.A
- 2.E
- 3.E
- 4.A
- 5.D
- 6.V-V-V-V-F
- 7.C

FEUDALISMO



ORIGENS

O feudalismo europeu é resultado da síntese entre a sociedade romana em decadência e a sociedade bárbara em evolução.

O feudalismo tem início com as invasões germânicas (bárbaras), no século V, sobre o Império Romano do Ocidente (Europa). As características gerais do feudalismo são: **poder descentralizado (nas mãos dos senhores feudais), economia baseada na agricultura e utilização do trabalho dos servos.**

Esta síntese resulta nos chamados fatores estruturais para a formação do feudalismo. Roma contribuiu para a formação do feudalismo através dos seguintes elementos:

- a "villa", ou o latifúndio auto-suficiente;
- o desenvolvimento do colonato, segundo o qual o trabalhador ficava preso à terra;
- a Igreja Cristã, que se tornará na principal instituição medieval.

A crise romana reforça seu poder político local e consolida o processo de ruralização da economia. Os Bárbaros contribuem com os seguintes elementos:

- uma economia centrada nas trocas naturais;
- o comitatus, instituição que estabelecia uma relação de fidelidade e reciprocidade entre os guerreiros e seus chefes;
- a prática do chamado benefício (*beneficium*), dando imunidade ao proprietário deste;
- o direito consuetudinário, isto é, os costumes herdados dos antepassados possuem força de lei.

Além destes elementos estruturais (internos), contribuíram também os chamados elementos conjunturais (externos), que foram as Invasões Bárbaras dos séculos VIII ao IX - os normandos e os muçulmanos.

Os normandos efetuam um bloqueio do mar Báltico e do mar do Norte e os muçulmanos realizam o bloqueio do mar Mediterrâneo. Estas invasões aceleram o processo de ruralização europeia - em curso desde o século III - acentuando a economia agrária e autossuficiente.

ESTRUTURAS FEUDAIS

- **ESTRUTURA ECONÔMICA:** a economia era basicamente agropastoril, de caráter autossuficiente e com trocas naturais. O comércio, embora existisse, não foi a atividade predominante. As terras dos feudos eram divididas em três partes:
 - **terras coletivas ou campos abertos:** de uso comum, onde se recolhiam madeira, frutos e efetuava-se a caça. Neste caso, temos uma posse coletiva da terra.
 - **reserva senhorial** - de uso exclusivo do senhor feudal - é era a propriedade privada do senhor.
 - **manso servil ou tenência:** terras utilizadas pelos servos. Serviam para manter o sustento destes e para cumprimento das obrigações feudais.

O caráter autossuficiente da economia feudal dava-se em virtude da baixa produtividade agrícola.

O comércio, embora não fosse a atividade predominante, existia sob duas formas: o comércio local - onde realizava-se as trocas naturais; e o comércio a longa distância - responsável pelo abastecimento de determinados produtos, tais como o sal, pimenta, cravo, etc. O comércio a longa distância funcionava com trocas monetárias e, à partir do século XII terá um papel fundamental na economia europeia.

- **ESTRUTURA POLÍTICA:** O poder político era descentralizado, ou seja, distribuído entre os grandes proprietários de terra (os SENHORES FEUDAIS). Apesar da fragmentação do poder político, havia os laços de fidelidade pessoal (a vassalagem). Por esta relação estabelecia-se o contrato feudo-vassálico, assim caracterizado por Homenagem (juramento de fidelidade do vassalo para com o seu suserano) ou Investidura (entrega do feudo do vassalo para o suserano). O suserano (aquele que concede o feudo) deveria auxiliar militarmente seu vassalo e também prestar assistência jurídica. O vassalo (aquele que recebe o feudo e promete fidelidade) deve prestar o serviço militar para o suserano e comparecer ao tribunal por ele presidido.
- **ESTRUTURA SOCIAL:** A sociedade feudal era do tipo estamental, onde as funções sociais eram transmitidas

de forma hereditária. As relações sociais eram marcadas pelos laços de dependência e de dominação.

Os estamentos sociais eram três:

CLERO: constituído pelos membros da Igreja Católica. Dedicavam-se ao ofício religioso e apresentavam uma subdivisão:

- Alto clero - formado por membros da nobreza feudal (papa, bispo, abade);
- Baixo clero - composto por membros não ligados à nobreza (padre, vigário).

NOBREZA: formada pelos grandes proprietários de terra e que se dedicavam à atividade militar e administrativa.

TRABALHADORES: simplesmente a maioria da população. Os camponeses estavam ligados à terra (servos da gleba) sendo obrigados a sustentarem os senhores feudais.

Assim, o clero formava o 1º Estado, a nobreza o 2º Estado e os trabalhadores o 3º Estado.

O Sistema feudal também apresentava as chamadas obrigações feudais, um conjunto de relações sociais onde os servos eram explorados pelos senhores feudais.

As principais obrigações feudais eram:

- **CORVÉIA:** obrigação do servo de trabalhar nas terras do senhor (manso senhorial). Toda produção de seu trabalho era do proprietário.
- **TALHA:** obrigação do servo de entregar parte de sua produção na gleba para o senhor feudal.
- **BANALIDADES:** pagamento feito pelo servo pelo uso de instrumentos e instalações do feudo (celeiro, forno, estrada...).

RELIGIÃO

Na Idade Média, a Igreja Católica dominava o cenário religioso. Detentora do poder espiritual, a Igreja influenciava o modo de pensar, a psicologia e as formas de comportamento na Idade Média. A igreja também tinha grande poder econômico, pois possuía terras em grande quantidade e até mesmo servos trabalhando. Os monges viviam em mosteiros e eram responsáveis pela proteção espiritual da sociedade. Passavam grande parte do tempo rezando e copiando livros e a bíblia.

AS GUERRAS

A guerra no tempo do feudalismo era uma das principais formas de obter poder. Os senhores feudais envolviam-se em guerras para aumentar suas terras e poder. Os cavaleiros formavam a base dos exércitos medievais. Corajosos, leais e equipados com escudos, elmos e espadas, representavam o que havia de mais nobre no período medieval. A residência dos nobres eram castelos fortificados, projetados para serem residências e, ao mesmo tempo, sistema de proteção.

CRISE DO FEUDALISMO

A crise do Sistema Feudal tem sua origem no século XI e está relacionada ao crescimento populacional. Este, por sua vez, está relacionado a um conjunto de inovações técnicas, tais como o uso da charrua (máquina de revolver a terra), o peitoril (para melhor aproveitamento da força do cavalo no arado), uso de ferraduras e o moinho d'água. A estas inovações técnicas, observa-se uma expansão da agricultura, com a ampliação de áreas para o cultivo (conquista dos bosques, pântanos...).

Sabendo-se que a produtividade agrícola era baixa - mesmo com as inovações acima - o crescimento populacional acarreta uma série de problemas sociais: o banditismo, aumento da miséria, guerras internas por mais terras. As Cruzadas foram, neste contexto, uma tentativa para solucionar tais problemas.

AS CRUZADAS

As cruzadas foram tropas ocidentais enviadas à Palestina para recuperarem a liberdade de acesso dos cristãos à Jerusalém. A guerra pela Terra Santa, que durou do século XI ao XIV, foi iniciada logo após o domínio dos turcos seljúcidas sobre esta região considerada sagrada para os cristãos. Após domínio da região, os turcos passaram impedir ferozmente a peregrinação dos europeus, através da captura e do assassinato de muitos peregrinos que visitavam o local unicamente pela fé.



As cruzadas

As principais consequências das Cruzadas foram:

- Reabertura do mar Mediterrâneo e o desenvolvimento do intercâmbio comercial entre o Ocidente e o Oriente;
- Fortalecimento do poder real, em virtude do empobrecimento dos senhores feudais;
- O renascimento urbano.

ORGANIZAÇÃO

Em 1095, Urbano II, em oposição a este impedimento, convocou um grande número de fiéis para lutarem pela causa. Muitos camponeses foram a combate pela promessa de que receberiam reconhecimento espiritual e recompensas

da Igreja; contudo, esta primeira batalha fracassou e muitos perderam suas vidas em combate.

Após a Primeira Cruzada foi criada a Ordem dos Cavaleiros Templários que tiveram importante participação militar nos combates das seguintes Cruzadas.

Após a derrota na 1ª Cruzada, outro exército ocidental, comandado pelos franceses, invadiu o oriente para lutar pela mesma causa. Seus soldados usavam, como emblema, o sinal da cruz costurado sobre seus uniformes de batalha. Sob liderança de Godofredo de Bulhão, estes guerreiros massacraram os turcos durante o combate e tomaram Jerusalém, permitindo novamente livre para acesso aos peregrinos.

Outros confrontos deste tipo ocorreram, porém, somente a sexta edição (1228-1229) ocorreu de forma pacífica. As demais serviram somente para prejudicar o relacionamento religioso entre ocidente e oriente. A relação dos dois continentes ficava cada vez mais desgastada devido à violência e a ambição desenfreada que havia tomado conta dos cruzados, e, sobre isso, o clero católico nada podia fazer para controlar a situação.

Embora não tenham sido bem sucedidas, a ponto de até crianças terem feito parte e morrido por este tipo de luta, estes combates atraíram grandes reis como Ricardo I, também chamado de Ricardo Coração de Leão, e Luís IX.

A IGREJA MEDIEVAL

A principal instituição medieval será a Igreja Católica. Esta exercia um papel decisivo em todos os setores da vida medieval: na organização econômica, na coesão social, na legitimação da dominação política e nas manifestações culturais.

O clero estava organizado em clero secular (que vivia no mundo cotidiano em contato com os fiéis) e o clero regular (que vivia nos mosteiros, isolando do mundo) que obedecia regras. Trata-se dos beneditinos, franciscanos, dominicanos, carmelitas e agostinianos.

O topo da hierarquia eclesiástica era (e ainda é) ocupada pelo papa. Este exercia dois tipos de poderes, o espiritual (autoridade religiosa máxima) e o poder temporal (poder político decorrente das grandes extensões de terra que a Igreja possuía). O exercício do poder temporal levou a Igreja a envolver-se em questões políticas, como a célebre Querela das Investiduras.

QUERELA DAS INVESTIDURAS: Questão envolvendo o papa Gregório VII e o imperador do Sacro Império Germânico Henrique IV quanto à nomeação de sacerdotes para cargos eclesiásticos. No Sacro Império Germânico, era o imperador que investia o bispo em suas funções e o papado reagiu contra isto, em virtude do nicolaísmo (desregramento moral do clero) e da simonia (venda de cargos eclesiásticos).

Durante o conflito, o imperador foi excomungado pelo papa, tendo que pedir perdão. Em seguida, Henrique IV atacou Roma, obrigando o papa a fugir. Henrique IV colocou um novo papa - um bispo alemão - que assumiu o poder com o título de Clemente III. O impasse foi resolvido em 1122, com a Concordata de Worms, quando o papa Gregório reassumiu o poder e o imperador abdicou de seu direito de fazer a investidura total dos bispos (a investidura religiosa ficava a cargo do papa).

CULTURA MEDIEVAL

Referir-se à Idade Média como a "Idade das Trevas" é um grave erro. Tal concepção representa uma visão distorcida do período medieval. Este preconceito com a Idade Média originou-se no século XVIII com o Iluminismo - fortemente anticlerical. No entanto, o período medieval foi riquíssimo em atividade cultural.

Contudo, a **educação** era para poucos, pois só os filhos dos nobres estudavam. Marcada pela influência da Igreja, ensinava-se o latim, doutrinas religiosas e táticas de guerras. Grande parte da população medieval era analfabeta e não tinha acesso aos livros.

A **arte** medieval também era fortemente marcada pela religiosidade da época. As pinturas retratavam passagens da Bíblia e ensinamentos religiosos. As pinturas medievais e os vitrais das igrejas eram formas de ensinar à população um pouco mais sobre a religião.

Podemos dizer que, em geral, a cultura e a arte medieval foram fortemente influenciadas pela religião. Na arquitetura destacou-se a construção de castelos, igrejas e catedrais.

EDUCAÇÃO: controlada pelo clero católico, que dominava as escolas dos mosteiros, escolas paroquiais e as universidades. O surgimento e expansão das universidades estão relacionadas com o desenvolvimento das cidades, bem como o surgimento de uma nova classe social: a burguesia comercial. Os ramos de conhecimento estudados nas universidades medievais eram: Teologia e Filosofia, Letras, Ciências, Direito e Medicina. O ensino era ministrado em latim.

ARTES: Na Literatura buscou-se enaltecer a figura do cavaleiro cristão e suas qualidades: lutar pelo bem público, combater as heresias e defender os pobres, viúvas e órfãos. Na poesia épica exaltou-se os torneios, as aventuras e a defesa do cristianismo, tais como A canção de Rolando (século XI) e El Cid (século XII). Na poesia lírica, predominou o tema do amor espiritualizado e idealizado do cavaleiro pela sua amada.

No século XIII, o grande destaque da literatura foi Dante Alighieri, autor da Divina Comédia. Já a Pintura possuía uma função didática, pois estava associada à divulgação de temas religiosos. Entre os principais pintores medievais, destacam-se Cimabue e Giotto.

A Escultura teve função decorativa e de divulgação dos valores religiosos. A Arquitetura voltou-se para o desenvolvimento de dois estilos: o românico e o gótico. Românico: (séculos XI/XII) - arcos em abóbadas redondas, sustentados por paredes maciças. A catedral de Notre-Dame-la-Grande em Poitiers é um exemplo deste estilo. Gótico: (séculos XII/XVI) - uso do arco em ponta ou ogival, permitindo a construção de abóbadas bastante amplas. Existência de muitas janelas para melhor iluminação do interior, muito mais amplo que o estilo românico.

O gótico está relacionado com o crescimento populacional e o desenvolvimento urbano. A catedral de Notre-Dame, em Paris, é um exemplo deste estilo. A Música divulgava os valores cristãos. Destaque para Gregório Magno (590/604) que implantou o canto gregoriano. Na música popular,

destaque para as canções trovadorescas, cujos temas eram os ideais cristãos.

CIÊNCIAS E FILOSOFIA: A principal corrente filosófica do período foi a Escolástica, que tinha por objetivo conciliar a razão com a fé. Seus principais representantes foram Alberto Magno (1193/1280) e Tomás de Aquino (1225/1274). Este último reconstruiu parte das teorias de Aristóteles, dentro de uma visão cristã, na sua obra Summa Theológica. No setor científico, Roger Bacon (1214/1294) defensor da observação e da experimentação como norma científica.

CONSEQUÊNCIAS

As Cruzadas proporcionaram também o renascimento do comércio na Europa. Muitos cavaleiros, ao retornarem do Oriente, saqueavam cidades e montavam pequenas feiras nas rotas comerciais. Houve, portanto, um importante reaquecimento da economia no Ocidente. Estes guerreiros inseriram também novos conhecimentos, originários do Oriente, na Europa, através da influente sabedoria dos sarracenos.

Não podemos deixar de lembrar que as Cruzadas aumentaram as tensões e hostilidades entre cristãos e muçulmanos na Idade Média. Mesmo após o fim das Cruzadas, este clima tenso entre os integrantes destas duas religiões continuou.

Já no aspecto cultural, as Cruzadas favoreceram o desenvolvimento de um tipo de literatura voltado para as guerras e grandes feitos heroicos. Muitos contos de cavalaria tiveram como tema principal estes conflitos.

ESTUDO DIRIGIDO

1. Sobre o feudalismo, podemos afirmar que:

() na economia feudal não existia o comércio como atividade permanente e organizada; os produtos eram trocados diretamente, sem a utilização do dinheiro;

() no apogeu do feudalismo, a sociedade era formada pelo clero, nobreza e camponeses e se caracterizava por grande mobilidade social;

() as relações de trabalho baseavam-se na servidão; o servo entregava ao senhor feudal uma parte do que produzia e ainda trabalhava para ele em troca da proteção militar;

() os camponeses constituíam a grande maioria da sociedade feudal;

() no feudalismo, o poder político estava concentrado na pessoa do rei.

2. A característica marcante do feudalismo, sob o ponto de vista político, foi o enfraquecimento do estado enquanto instituição, porque:

- a) a inexistência de um governo central forte contribuiu para a decadência e o empobrecimento da nobreza;
- b) a prática do enfundamento acabou por ampliar os feudos, enfraquecendo o poder político dos senhores;
- c) a soberania estava vinculada a laços de ordem pessoal, tais como a fidelidade e lealdade ao suserano;
- d) a proteção pessoal dada pelo senhor feudal a seus súditos onerava-lhe as rendas;

e) a competência política para centralizar o poder, reservada ao rei, advinha da origem divina da monarquia.

3. A crise do sistema feudal pode ser explicada:

- a) a partir do desenvolvimento comercial, que gerou a economia monetária e desintegrou a economia natural
- b) a partir da contradição do próprio sistema feudal, cujas relações de trabalho eram incompatíveis com a ampliação do mercado consumidor;
- b) pelo desenvolvimento da economia capitalista, que liquidou a economia de consumo feudal;
- c) pelo surgimento das cidades e a consequente atração dos servos para os núcleos urbanos, despovoando o campo;
- d) por causa da centralização do poder político, que liquidou o poder senhorial.

4. Na Idade Média praticava-se a indústria artesanal, através de associações profissionais denominadas "corporações de ofício". As corporações de ofício eram:

- a) associações de profissionais que exerciam a mesma atividade dentro do burgo;
- b) o mesmo que "ligas para o livre-comércio";
- c) associações de burgos para proteção do mercado;
- d) associações de profissionais de vários ofícios dentro do burgo;
- e) associações internacionais de ligas profissionais.

5. A proliferação das universidades medievais no século XIII, responsável por importantes transformações culturais, está relacionada com:

- a) o renascimento cultural promovido por Carlos Magno e pelos homens cultos que ele atraiu para sua corte;
- b) a invenção da imprensa, que possibilitou a reprodução dos livros a serem consultados por mestres e alunos;
- c) a importância de se difundir o ensino do latim, língua utilizada pela Igreja para escrever tratados teológicos, cartas e livros;
- d) o crescimento do comércio, o desenvolvimento das cidades e as aspirações de conhecimento da burguesia;
- e) a determinação de eliminar a ignorância e o analfabetismo da chamada "Idade das Trevas".

6. Entre as causas da decadência do feudalismo, é correto mencionar:

I. o Renascimento Comercial e Urbano;

II. o aparecimento de uma nova classe social: a burguesia;

III. a Guerra dos Cem Anos, envolvendo França e Inglaterra;

IV. a união do rei e dos senhores feudais de terras, visando à centralização política;

As alternativas corretas são:

- a) I e IV
- b) II e III
- c) I e II
- d) II, III e IV
- e) I, II e III

7. No século XIII, os barões ingleses, contando com o apoio de alguns mercadores e religiosos, sublevaram-se contra as pesadas taxas e outros abusos. O rei João Sem Terra acabou aceitando as exigências dos vassallos rebelados e assinou a Magna Carta. Pode-se afirmar que esse documento representa um importante legado do mundo medieval porque:

- a) reafirmava o princípio do poder ilimitado dos monarcas para fixar novos tributos;
- b) freou as lutas entre os cavaleiros e instituiu o Parlamento, subdividido em duas Câmaras;
- c) assegurava antigas garantias a uma minoria privilegiada, mas veiculava princípios de liberdade política;
- d) limitou as ambições políticas dos papas, mesmo em se tratando de um contrato feudal;
- e) proclamava os direitos e as liberdades do homem do povo através de 63 artigos.

8. Durante a Baixa Idade Média, as feiras constituíam:

- a) um instrumento de comércio local das cidades para abastecimento cotidiano de seus habitantes;
- b) áreas exclusivas de câmbio das diversas moedas europeias;
- c) locais de comércio de amplitude continental, que dinamizaram a economia da época;
- d) locais fixos para comercialização da produção dos feudos;
- e) instituições carolíngias para renascimento do comércio, abalado pelo domínio sarraceno no Mediterrâneo.

9. A transição do feudalismo para capitalismo, entre os séculos XIV e XVI, caracterizou-se por apresentar um conjunto de mudanças estruturais que atingiram a sociedade europeia entre o final da Idade Média e o início dos tempos modernos. Dentre estas transformações podemos identificar corretamente:

- a) A concessão dos privilégios feudais usufruídos pela nobreza fundiária medieval a outros segmentos sociais, destacadamente a burguesia comercial que ascendia politicamente à condição de ordem privilegiada.
- b) O fortalecimento da economia comercial das cidades italianas em virtude do incremento do comércio de especiarias e têxteis orientais luxuosos na Europa.
- c) A busca de novas áreas econômicas para a aplicação dos capitais excedentes acumulados com a excessiva monetarização da economia europeia decorrente do crescimento das cidades ao final da Idade Média.
- d) A expansão econômica europeia articulada sobre outros continentes a partir do controle da navegação em rotas comerciais marítimas atlânticas abertas com o périplo africano realizado pelos portugueses.
- e) O fim da sociedade estamental decorrente da difusão do trabalho assalariado em virtude da devastação da população europeia pela peste negra.

10. Os cruzados avançavam em silêncio, encontrando por todas as partes ossadas humanas, trapos e bandeiras. No meio desse quadro sinistro, não puderam ver, sem estremecer de dor, o acampamento onde Gauthier havia deixado as mulheres e crianças. Lá, os cristãos tinham sido surpreendidos pelos muçulmanos, mesmo no momento em que os sacerdotes celebravam o sacrifício da Missa. As mulheres, as crianças, os velhos, todos os que a fraqueza ou a doença conservava sob as tendas, perseguidos até os altares, tinham sido levados para a escravidão ou imolados por um inimigo cruel. A multidão dos cristãos, massacrada naquele lugar, tinha ficado sem sepultura. J. F. Michaud. História das cruzadas. São Paulo: Editora das Américas, 1956 (com adaptações).

Foi, de fato, na sexta-feira 22 do tempo de Chaaban, do ano de 492 da Hegira, que os franj* se apossaram da Cidade Santa, após um sítio de 40 dias. Os exilados ainda tremem cada vez que falam nisso, seu olhar se esfria como se eles

ainda tivessem diante dos olhos aqueles guerreiros louros, protegidos de armaduras, que espelham pelas ruas o sabre cortante, desembainhado, degolando homens, mulheres e crianças, pilhando as casas, saqueando as mesquitas. *franj = cruzados. Amin Maalouf. As Cruzadas vistas pelos árabes. 2.ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989 (com adaptações).

Avalie as seguintes afirmações a respeito dos textos acima, que tratam das Cruzadas.

- I. Os textos referem-se ao mesmo assunto — as Cruzadas, ocorridas no período medieval —, mas apresentam visões distintas sobre a realidade dos conflitos religiosos desse período histórico.
- II. Ambos os textos narram partes de conflitos ocorridos entre cristãos e muçulmanos durante a Idade Média e revelam como a violência contra mulheres e crianças era prática comum entre adversários.
- III. Ambos narram conflitos ocorridos durante as Cruzadas medievais e revelam como as disputas dessa época, apesar de ter havido alguns confrontos militares, foram resolvidas com base na ideia do respeito e da tolerância cultural e religiosa.

É correto apenas o que se afirma em:

- a) I.
- b) II.
- c) III.
- d) I e II.
- e) II e III.

11. (FUVEST)

“Empunhando Durandal, a cortante,
O rei tirou-a da bainha, enxugou-lhe a lâmina,
Depois cingiu-a em seu sobrinho Rolando
E então o papa a benzeu.
O rei disse-lhe docemente, rindo:
Cinjo-te com ela, desejando
Que Deus te dê coragem e ousadia,
Força, vigor e grande bravura
E grande vitória sobre os infiéis.”
(La Chanson d’Aspremont)

A que ritual medieval se refere o texto? Qual o significado desse ritual?

GABARITO:

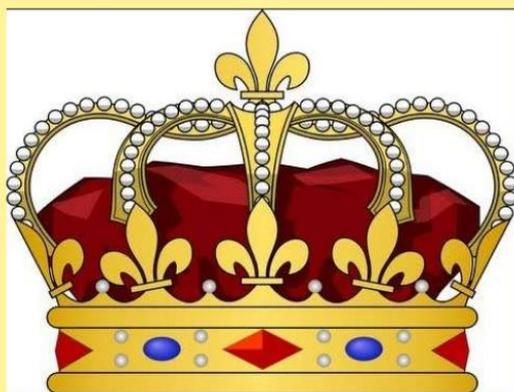
- 1) V F V V F
- 2) C
- 3) B
- 4) A
- 5) D
- 6) E
- 7) C
- 8) C
- 9) C
- 10) D

11) Ao ritual em que um jovem nobre era armado cavaleiro, ritual de adubamento. Seu significado era vincular o nobre guerreiro a uma conduta ética baseada na honra, lealdade, proteção aos fracos e defesa do cristianismo.

ABSOLUTISMO

Entende-se por Absolutismo, o processo de centralização política nas mãos do rei. É resultado da evolução política das Monarquias Nacionais, surgidas na Baixa Idade Média; fruto da aliança rei - burguesia.

O ABSOLUTISMO



Este sistema é originário das mudanças ocorridas no continente ao final da Idade Média, onde na maioria das regiões da Europa acontece o fenômeno da centralização política nas mãos do rei, auxiliado pela classe burguesa. Os comerciantes e financistas visavam vantagens econômicas, como por exemplo, o fim de diversos impostos e taxas existentes em regiões de um mesmo país em mãos de líderes regionais diferentes. Por outro lado, o monarca naturalmente buscava um sistema de governo onde pudesse exercer o máximo de seu poder, sem interferência da igreja nem dos senhores locais.

Deste modo, surge o absolutismo, onde o rei exerce o poder de forma indiscriminada, com mínima interferência de outros setores da sociedade, e a classe burguesa apoiadora do monarca poderá prosperar com a unificação do poder nas mãos de um indivíduo em que confiam e que os auxilia a manter um comércio de proporções nacionais (em certos casos, até internacionais). Além disso, os negociantes financiariam os diversos projetos do monarca, e em troca, conseguiriam participações substanciais nos negócios do Estado.

Com o absolutismo o rei concentrava todos os poderes, criando leis sem aprovação da sociedade, além de impostos e demais tributos de acordo com a situação ou um novo projeto ou guerra que surgisse. Além disso, o monarca interferia em assuntos religiosos, em alguns casos controlando o clero de seu país.

A nobreza que acompanhava o monarca era uma classe exclusivamente parasitária, geralmente vivendo na corte do rei, e não tendo ocupação definida, a não ser o apoio irrestrito ao rei e o controle militar de certa região a favor do monarca. Qualquer oposição oriunda das camadas mais populares podia ser violentamente reprimida pelas forças do rei. Note-se que absolutismo e despotismo, apesar de similares, diferem pelo fato de o absolutismo ter uma base teórica (Jean Bodin, Thomas Hobbes, Nicolau Maquiavel) e o

despotismo ser uma espécie de corrupção do absolutismo, onde o monarca age deliberadamente sem qualquer preocupação teórica, social, política ou religiosa.

A prática econômica predominante no período absolutista era a do mercantilismo. A característica marcante deste sistema é uma intervenção latente do Estado nos negócios financeiros, onde predominava a ideia de que o acúmulo de riquezas proporcionaria necessariamente um maior desenvolvimento do Estado. Esse acúmulo de riqueza traria prestígio, poder e respeito internacional. O sistema era marcado pela proteção alfandegária, altas taxas para produtos estrangeiros, metalismo (acumulação de metais preciosos), pacto colonial (onde as colônias eram fechadas ao comércio com outros países que não a metrópole), balança comercial favorável, e a industrialização do país.

Em grande parte dos países europeus, o sistema escolhido para substituir o Antigo Regime foi a República, com outros decidindo por manter a monarquia, mas agora atuando sob a tutela de um parlamento eleito popularmente e agindo sob a letra de uma Constituição.

SÃO FATORES DO ABSOLUTISMO:

Aliança rei - burguesia: A burguesia possuía um interesse econômico na centralização do poder político: a padronização monetária, dos pesos e medidas. Adoção de mecanismos protecionistas, garantindo a expansão das atividades comerciais; a adoção de incentivos comerciais contribuía para o enfraquecimento da nobreza feudal e este enfraquecimento - em contrapartida - garantia a supremacia política do rei.

Reformas Religiosas: A decadência da Igreja Católica e a falência do poder papal contribuíram para o fortalecimento do poder real.

Durante a Idade Média, o poder estava dividido em três esferas:

- poder local, exercido pela nobreza medieval;
- poder nacional, exercido pela Monarquia;
- poder universal, exercido pelo Papado. Assim, o processo de aliança rei - burguesia auxiliou no enfraquecimento do poder local; as reformas religiosas minaram o poder universal colaborando para a consolidação do poder real.

Elementos Culturais: desenvolvimento do estudo de Direito nas universidades e a preocupação em legitimar o poder real. O Renascimento Cultural contribuiu para um retorno ao Direito Romano.

MECANISMOS DO ABSOLUTISMO MONÁRQUICO

- a) **Criação de um Exército Nacional:** Instrumento principal do processo de centralização política. Formado por mercenários, com a intenção de enfraquecer a nobreza e não armar os camponeses.
- b) **Controle do Legislativo:** Todas as decisões do reino estavam controladas diretamente pelo rei, que possuía o direito de criar leis.

- c) **Controle sobre a Justiça:** Criação do Tribunal Real, sendo superior aos tribunais locais (controlados pelo senhor feudal).
- d) **Controle sobre as Finanças:** intervenção na economia, mediante o monopólio da cunhagem de moedas, da padronização monetária, a cobrança de impostos, da criação de Companhias de Comércio e a imposição dos monopólios.
- e) **Burocracia Estatal:** corpo de funcionários que auxilia na administração das obras públicas, fortalecimento o controle do Estado e, conseqüentemente, o poder real.

Podemos definir o absolutismo como um sistema político e administrativo que prevaleceu nos países da Europa, na época do Antigo Regime (séculos XVI ao XVIII).

No final da Idade Média (séculos XIV e XV), ocorreu uma forte centralização política nas mãos dos reis. A burguesia comercial ajudou muito neste processo, pois interessa a ela um governo forte e capaz de organizar a sociedade. Portanto, a burguesia forneceu apoio político e financeiro aos reis, que em troca, criaram um sistema administrativo eficiente, unificando moedas e impostos e melhorando a segurança dentro de seus reinos.

Nesta época, o rei concentrava praticamente todos os poderes. Criava leis sem autorização ou aprovação política da sociedade. Criava impostos, taxas e obrigações de acordo com seus interesses econômicos. Agia em assuntos religiosos, chegando, até mesmo, a controlar o clero em algumas regiões.

Todos os luxos e gastos da corte eram mantidos pelos impostos e taxas pagos, principalmente, pela população mais pobre. Esta tinha pouco poder político para exigir ou negociar. Os reis usavam a força e a violência de seus exércitos para reprimir, prender ou até mesmo matar qualquer pessoa que fosse contrária aos interesses ou leis definidas pelos monarcas.

Exemplos de alguns reis deste período:

- **Henrique VIII** - Dinastia Tudor: governou a Inglaterra no século XVII
- **Elizabeth I** - Dinastia Stuart - rainha da Inglaterra no século XVII
- **Luis XIV** - Dinastia dos Bourbons - conhecido como Rei Sol - governou a França entre 1643 e 1715.
- **Fernando e Isabel** - governaram a Espanha no século XVI.

MERCANTILISMO: A PRÁTICA ECONÔMICA DO ABSOLUTISMO

Podemos definir o mercantilismo como sendo a política econômica adotada na Europa durante o Antigo Regime. Como já dissemos, o governo absolutista interferia muito na economia dos países. O objetivo principal destes governos era alcançar o máximo possível de desenvolvimento econômico, através do acúmulo de riquezas. Quanto maior a quantidade de riquezas dentro de um rei, maior seria seu prestígio, poder e respeito internacional. Podemos citar como principais características do sistema econômico mercantilista: Metalismo, Industrialização, Protecionismo Alfandegário, Pacto Colonial, Balança Comercial Favorável.

REVOLUÇÃO FRANCESA

A Revolução Francesa começou no século XVIII e iniciou a Era das Revoluções Burguesas, fez parte do movimento revolucionário global, atlântico e ocidental que começou nos Estados Unidos em 1776 passando por Inglaterra, Irlanda, Holanda, Bélgica, Itália, Alemanha, Suíça e termina na França em 1789. Teve repercussão em outros países, mas retorna a França em 1830 e 1848.

A Revolução Francesa significou o fim do absolutismo e dos privilégios da nobreza. O povo ganhou direitos sociais e passaram a ser respeitados.

A PRÉ-REVOLUÇÃO

A França no século XVIII era um país agrário. Com o início da industrialização, alguns produtos tiveram baixas nos preços estimulando seu consumo. A burguesia passou a ter voz ativa na política e discutiam os privilégios da nobreza. Os camponeses queriam se desprender de obrigações aos senhores. Já havia uma divisão de classes.

O primeiro estado chamado de clero era formado por bispos, abades, padres e vigários. O segundo estado ou nobreza de toga eram pessoas descendentes da burguesia. A alta média e baixa burguesia formavam o terceiro estado. Era composta por banqueiros, financistas e empresários. A média burguesia era formada por profissionais liberais, médicos, professores e a baixa burguesia eram formadas por artesãos, lojistas e o povo.

O terceiro estado era responsável por arcar as despesas, impostos e contribuições do rei, clero e nobreza. A principal reivindicação do povo era que os privilegiados do rei eram isentos das contribuições.

A REVOLUÇÃO BURGUESA

Em nove de julho de 1789 foi anunciada a Assembleia Nacional Constituinte. O rei não tinha alternativa a não ser aceitar. Em doze de julho Jacques Necker (que foi o ministro que convocou a assembleia dos estados gerais com o objetivo de fazer o terceiro estado pagarem os impostos que o rei, o clero e a nobreza se recusavam a pagar) se demite o que aumenta a tensão do povo. Forma-se a milícia de Paris onde o povo começa a guardar armas e a preparar barricadas.

Em quatorze de julho o povo toma a Bastilha (lugar onde o rei prendia sem julgamento o povo) e a revolução se espalha por todo o país. Os camponeses invadiam cartórios e propriedades da nobreza e ateavam fogo.

Em quatro de agosto a Assembleia Constituinte tenta conter o movimento aprovando o fim dos direitos feudais e obrigam todos a pagarem impostos. A Declaração dos direitos do homem e do cidadão foi feita e aprovada. Foram fundamentadas nos pensamentos iluministas defendendo o direito a liberdade, igualdade e fraternidade. O rei se recusou a aprovar a declaração então o Palácio de Versalhes foi invadido.

Em 1790 foi aprovada a constituição do clero, mas só ficou pronta em 1791. A constituição designava o poder executivo para o rei e o legislativo para a assembleia. O feudalismo foi abolido e votava desde então que tivesse um mínimo de riqueza.

Mais tarde, o julgamento de Luís XVI dividiu a opinião pública onde os girondinos defendiam-no. O rei guilhotinou-o em 21 de janeiro de 1793. O poder da Convenção caiu nas

mãos de um movimento formado pela alta burguesia, então ligados aos girondinos, fecharam os clubes jacobinos. A partir daí a Assembleia foi dividida: de um lado os girondinos, à direita, os realistas e à esquerda os jacobinos e socialistas de reclamavam medidas sociais.

TEÓRICOS DO ABSOLUTISMO MONÁRQUICO

Nicolau Maquiavel (1469/1525): Responsável pela secularização da política, ou seja, ele supera a relação entre ética cristã e política. Esta superação fica clara na tese de sua principal obra, O Príncipe - segundo a qual "os fins justificam os meios". Maquiavel subordina o indivíduo ao Estado, tornando-se assim no primeiro defensor do absolutismo.

Thomas Hobbes (1588/1679): Seu pensamento está centrado em explicar as origens do Estado. De acordo com Hobbes, o homem em seu estado de natureza é egoísta. Este egoísmo gera prejuízos para todos. Procurando a sociabilidade, os homens estabelecem um pacto: abdica de seus direitos em favor do soberano, que passa a Ter o poder absoluto. Assim, o estado surge de um contrato. A idéia de contrato denota características burguesas, demonstrando uma visão individualista do homem (o indivíduo preexiste ao Estado) e o pacto busca garantir e manter os interesses dos indivíduos. A obra principal de Hobbes é "Leviatã".

Jacques Bossuet (1627/1704) e Jean Bodin (1530/1596): Defensores da idéia de que a autoridade real era concedida por Deus. Desenvolvimento da doutrina do absolutismo de direito divino - o rei seria um representante de Deus e os súditos lhe devem total obediência.

ABSOLUTISMO NA PENÍNSULA IBÉRICA

PORTUGAL: Primeiro país a organizar o Estado Moderno. Centralização política precoce em virtude da Guerra de Reconquista - cristãos contra muçulmanos. A centralização do Estado Português ocorreu em 1385, com a Revolução de Avis, onde o Mestre da Ordem de Avis (D. João), com o apoio da burguesia mercantil consolidou o centralismo político.

ESPANHA: O processo de centralização na Espanha também está relacionado com a Guerra de Reconquista e foi fruto de uma aliança entre o Reino de Castela e o Reino de Aragão, em 1469 e consolidado em 1492 - com a expulsão definitiva dos mouros da península.

ABSOLUTISMO NA FRANÇA

A consolidação do absolutismo francês está relacionado com a Guerra do Cem Anos: enfraquecimento da nobreza feudal e fortalecimento do poder real. A principal dinastia do absolutismo francês foi a dos Bourbons: Henrique IV (1593/1610) - precisou abandonar o protestantismo para ocupar o trono real. Responsável pelo Édito de Nantes

(1598) que concedeu liberdade religiosa aos protestantes. Luís XIII (1610/1643) - Em seu reinado, destaque para a atuação de seu primeiro-ministro o cardeal Richelieu.

A política de Richelieu visava dois grandes objetivos: a consolidação do absolutismo monárquico na França e estabelecer, no plano externo, a supremacia francesa na Europa. Para conseguir este último objetivo, Richelieu envolveu a França na guerra dos Trinta Anos (1618/1648), contra a os Habsburgos austríacos e espanhóis. Luís XIV (1643/1715) - O exemplo máximo do absolutismo francês, denominado o "rei-sol". Organizou a administração do reino para melhor controle de todos os assuntos. Governava através de decretos e submeteu a nobreza feudal e a burguesia mercantil. Levou ao extremo a idéia do absolutismo de direito divino.

Um dos principais nomes de seu governo foi o ministro Colbert, responsável pelas finanças e dos assuntos econômicos. A partir de seu reinado a França inicia uma crise financeira, em razão das sucessivas guerras empreendidas por Luís XIV. A crise será acentuada com o Édito de Fontainebleau, decreto real que revogou o Édito de Nantes. Com isto, muitos protestantes abandonam a França, contribuindo para uma diminuição na arrecadação de impostos.

A crise do absolutismo prossegue no reinado de Luís XV e atingirá o a ápice com Luís XVI e o processo da Revolução Francesa.

ABSOLUTISMO NA INGLATERRA

O apogeu do absolutismo inglês deu-se com a Dinastia Tudor, família que ocupa o poder após a Guerra das Duas Rosas: Henrique VIII (1509/1547) - Empreendeu a Reforma Anglicana, após o Ato de Supremacia (1534). Com a reforma, o Estado controla as propriedades eclesiásticas impulsionando a expansão comercial inglesa. Elizabeth I (1558/1603) - Implantou definitivamente o anglicanismo, mediante uma violenta perseguição aos católicos e aos protestantes.

Iniciou uma política naval e colonial - caracterizada pela destruição da Invencível Armada espanhola e a fundação da primeira colônia inglesa na América do Norte - Virgínia (1584). Em seu reinado a Inglaterra realiza uma grande expansão comercial, com a formação de Companhias de Comércio e fortalecendo a burguesia. Com a morte de Elizabeth I (1603), inicia-se uma nova dinastia - Stuart - marcada pela crise do absolutismo inglês.

A EXPANSÃO ULTRAMARINA

A expansão marítima europeia, processo histórico ocorrido entre os séculos XV e XVII, contribuiu para que a Europa superasse a crise dos séculos XIV e XV. Através das Grandes Navegações há uma expansão das atividades comerciais, contribuindo para o processo de acumulação de capitais na Europa.

Durante a Alta Idade Média (séculos V ao X), as relações comerciais eram estabelecidas apenas entre o sudoeste da Ásia, o norte da África e a Europa, ficando assim o mercado limitado a essas regiões.

Com as grandes navegações a partir do século XV, com a circunavegação da África, a descoberta do caminho marítimo para as Índias por Vasco da Gama, a descoberta da América por Colombo e com a volta ao mundo de Fernão de Magalhães, aumentaram-se as regiões produtoras e consumidoras, surgindo o mercado mundial.

A descoberta de novos continentes e o surgimento deste mercado mundial é que denominamos de expansão marítima e comercial europeia.

A expansão marítima e comercial europeia dos séculos XV e XVI, representou um dos aspectos básicos da transição do feudalismo para o capitalismo nascente.

FATORES QUE LEVARAM À EXPANSÃO:

A procura de especiarias: a partir do século XI, as cidades de Gênova e Veneza (norte da Itália), passaram a dominar o Mediterrâneo Oriental. Os mercadores italianos iam buscar nos portos de Alexandria e Constantinopla os produtos orientais (especiarias, tecidos, perfumes, tapetes, pedras preciosas) e os distribuíam no mercado europeu, cobrando altos preços e obtendo grandes lucros. A burguesia europeia passou a se interessar em quebrar o monopólio italiano, sobre o comércio no mar Mediterrâneo, mas para isso, era necessário descobrir um novo caminho para as Índias.

A escassez de metais preciosos na Europa: a grande quantidade de moedas usadas pelos países europeus para fazer o pagamento das importações resultou numa escassez de metais preciosos e as minas europeias não conseguiam atender a demanda. Era preciso encontrar novas minas fora do continente europeu.

Aliança entre o rei e a burguesia: a burguesia e a monarquia aliadas buscam a valorização do comércio e a centralização do poder. Esta aliança possibilitaria derrotar a nobreza feudal. A burguesia fornecia à monarquia capitais necessários para armar exércitos e centralizar o poder. Os reis, por sua vez, deveriam promover o desenvolvimento do comércio, atendendo aos interesses da burguesia.

As Grandes Navegações só foram possíveis por causa dos avanços tecnológicos do século XV.

A única maneira de quebrar o monopólio comercial italiano era descobrir um novo caminho marítimo para as Índias. No entanto, até o século XV, isto era impossível, porque as

técnicas de navegação eram muito rudimentares e não permitiam a navegação em alto mar.

A partir do século XV, houve um grande avanço técnico na Europa Ocidental. O desenvolvimento da cartografia; que possibilitou a elaboração de mapas mais exatos, os estudos de astronomia, o aperfeiçoamento das embarcações; surgindo a caravela com velas triangulares. Os navegadores passaram a utilizar a bússola e o astrolábio que determinava a latitude e a longitude. Todo esse progresso técnico-científico possibilitou que as navegações a longa distância se transformassem em um empreendimento mais seguro.

O contato comercial entre todas as partes do mundo (Europa, Ásia, África e América) torna possível uma história em escala mundial, favorecendo uma ampliação dos conhecimentos geográficos e o contato entre culturas diferentes.

Interesses econômicos: a necessidade de ampliar a produção de alimentos, em virtude da retomada do crescimento demográfico; a necessidade de metais preciosos para suprir a escassez de moedas; romper o monopólio exercido pelas cidades italianas no Mediterrâneo - que contribuía para o encarecimento das mercadorias vindas do Oriente; tomada de Constantinopla, pelos turcos otomanos, encarecendo ainda mais os produtos do Oriente.

Sociais: o enfraquecimento da nobreza feudal e o fortalecimento da burguesia mercantil.

Religiosos: a possibilidade de conversão dos pagãos ao cristianismo mediante a ação missionária da Igreja Católica.

OS REINOS CRISTÃOS E A RECONQUISTA

A Reconquista é a designação historiográfica para o movimento cristão com início no século VIII que visava à recuperação dos Visigodos cristãos das terras perdidas para os Árabes durante a invasão da Península Ibérica.

Os muçulmanos não conseguiram ocupar a região montanhosa das Astúrias, onde resistiram muitos refugiados; aí surgiria Pelágio que se pôs à frente dos refugiados, iniciando imediatamente um movimento para reconquistar o território perdido.

A guerra tinha um objetivo: reapoderarem-se das terras e de tudo o que nelas existia. A ocupação das terras conquistadas fazia-se com um cerimonial.

A ideia de cruzada só veio a surgir na época das Cruzadas (1096). A reconquista de todo o território peninsular vai durar cerca de oito séculos, só ficando concluída em 1492 com a reconquista do reino muçulmano de Granada pelos Reis Católicos. Em Portugal, a reconquista terminou com a conquista definitiva de Silves pelas forças de D. Afonso III, em 1253. Mais tarde, a expansão marítima portuguesa, precedida pela conquista das praças africanas foi considerada, em parte, como uma continuação da Reconquista.

O primeiro reino cristão foi o das Astúrias, fundado por Pelágio, e mais tarde de Reino de Leão. Nos princípios do século X a província de Navarra tornou-se independente, formando o Reino de Navarra. Os reis asturo-leoneses foram alargando os domínios cristãos que atingiram o rio Mondego.

No século XI, Sancho de Navarra, rei de Navarra, anexou o condado de Castela e, por sua morte, os seus estados foram divididos pelos três filhos, sendo nessa altura os condados de Aragão e de Castela elevados à categoria de reinos. O reino de Castela coube a Fernando I, o Magno, mas este em breve se apoderou também do reino de Leão.

Fernando, rei de Leão e Castela, notabilizou-se na luta contra os muçulmanos recuperando muitas terras, entre as quais Coimbra (1064), alargando assim definitivamente os limites da reconquista até ao Mondego. Este monarca desenvolveu o território entre o Douro e Mondego, o qual aparece designado por Portucale, separadamente dos outros territórios da Galiza, com dois distritos ou condados – Portugal e Coimbra – gozando de autonomia administrativa, com magistrados próprios.

Fernando I, ao falecer (1065), repartiu os seus domínios pelos filhos: Sancho ficou com Castela, Afonso com Leão e Astúrias, e Garcia com a Galiza (e portanto com o condado de Portugal), transformado em reino independente. Depois de várias lutas entre os irmãos, morto Sancho e destronado Garcia, Afonso VI de Castela reúne novamente todos os estados de seu pai, tornando-se assim rei de Leão, de Castela e de Galiza.

A formação do reino de Portugal foi uma frutuosa consequência das cruzadas do Ocidente. O reino da Galiza passou a ser unicamente aquele ao norte do rio Minho, ficando, com o tempo, mais dependente do poder do Reino de Castela — limitada por Leão a Este e por Portugal a Sul, a Galiza assumia assim a sua fronteira e Portugal seria o único a constituir um estado independente do poder castelhano.

O REINO DE PORTUGAL E ESPANHA

O Reinado de Portugal aconteceu após a expulsão dos muçulmanos do território português no período denominado pela história de Reconquista. A dinastia de Borgonha consolidou-se no poder e com a morte de D. Fernando a sua rainha Leonor queria entregar o reino a sua filha Beatriz casada com D. João I, rei de Castela (Espanha). Mas só que os comerciantes eram contra a ideia de anexar Portugal a Castela (Espanha).

Para lutar contra essa união eles recorreram ao irmão bastardo do rei falecido. Ele era mestre da Ordem de Avis e, com isto houve a Revolução de Avis que proporcionou a Portugal a garantia de seu reinado com sua independência.

O Reinado da Espanha também se consolidou como reinado após a expulsão dos mouros da cidade de Granada. Os reis Fernando de Aragão e Isabel de Castela se uniram pelo casamento para manter essa expulsão dos muçulmanos e após isto a Espanha se formou no reinado que para implementar o sistema de balança favorável era preciso ter acumulação de riquezas. Os reis da Espanha apostaram na ideia do navegador genovês italiano Cristóvão Colombo que acreditava em chegar às Índias, a qual a busca primeiramente pelas especiarias que os europeus desejavam, mas só que para eles conseguirem tinha que pagar imposto tanto para os árabes como para os italianos nos portos.

A ideia da Coroa Espanhola seria encontrar um outro caminho para chegar às Índias, então bancaram a jornada de Cristóvão Colombo, a qual queria chegar pelo oeste, ou seja, contornando todo o mundo. Colombo foi com três naus: a Santa Maria, Pinta e Nina e, em 1492, dois meses após a viagem, chegou em São Domingos pensando ter

chegado nas Índias. Chamou todas aquelas pessoas de índios. Depois, com o Américo Vespúcio, souberam que Colombo não tinha chegado às Índias e, em homenagem a ele deram o nome de América.

BULA INTER-COETERA E TRATADO DE TORDESILHAS

A expansão comercial marítima europeia, ocorrida a partir do século XV, fez parte do processo histórico no qual às burguesias europeias buscavam ampliar seus lucros por meio da criação de novas e lucrativas rotas comerciais. Nesse contexto, Portugal e Espanha contaram com condições históricas que favoreceram o pioneirismo de ambas as nações nesse processo.

Durante o século XV, Portugal empreendeu a conquista de domínios ao longo da Costa Africana. Os espanhóis finalizaram a formação de seu Estado nacional, em 1492. Naquele mesmo ano, a Coroa Espanhola iniciou sua expansão marítima apostando no projeto circunavegatório do navegador genovês Cristóvão Colombo. Pensando ter chegado às Índias, o navegador italiano encontrou o continente americano.

O anúncio da existência do novo continente inseriu os espanhóis na disputa por novas áreas de exploração colonial. Temendo uma abrupta ascensão marítimo-comercial espanhola, Portugal ameaçou entrar em conflito com os espanhóis, caso suas possessões fossem desrespeitadas. Evitando a deflagração de uma guerra, a Espanha solicitou o papa Alexandre VI para arbitrar a questão.

Em 4 de maio de 1493, a Bula Inter-Coetera estabeleceu um acordo que determinava as regiões de exploração de cada uma das nações ibéricas. De acordo com o documento, uma linha imaginária a 100 léguas (660 quilômetros) da Ilha de Açores dividia o mundo, determinando que todas as terras a oeste dessa linha seriam de posse da Espanha e a leste seriam fixados os territórios portugueses. Dessa maneira, a disputa parecia resolvida.

No entanto, por motivos não muito claros, o rei D. João II exigiu a revisão do acordo diplomático. Alguns historiadores levantam a hipótese que a Coroa Portuguesa sabia da existência de terras na parte sul do novo continente. Dessa maneira, as autoridades lusas mais uma vez ameaçaram a Espanha caso o pedido de revisão não fosse acatado. Mais uma vez, o papa foi convocado para intermediar novas negociações.

No dia 7 de julho de 1494, o Tratado de Tordesilhas transformou os limites do antigo pacto. Segundo o novo acordo, todas as terras descobertas até o limite de 370 léguas (2500 quilômetros) a oeste de Cabo Verde seriam de domínio português, sendo as restantes de posse espanhola. Com esse novo acordo, Portugal assegurou sua autoridade sobre parte dos territórios do Brasil, que teve sua descoberta anunciada sete anos mais tarde.

PORTUGAL E A EXPANSÃO MARÍTIMA

As causas do pioneirismo português podem ser atribuídas à sua neutralidade nos confrontos europeus, centralização política, posição geográfica privilegiada e ao desenvolvimento da indústria naval. A fundação da Escola de Sagres forma pilotos para a navegação em alto-mar.

A expansão marítima portuguesa interessava à Monarquia, que buscava seu fortalecimento; à nobreza, interessada em conquista de terras; à Igreja Católica e a possibilidade de cristianizar outros povos e a burguesia mercantil, desejosa de ampliar seus lucros.

A Conquista de Ceuta, em 1415, é o ponto de partida para as descobertas portuguesas na África ocidental e para as Grandes Navegações. Em 1419 os portugueses chegam ao arquipélago da Madeira e, em 1431, desembarcam nos Açores. Em 1445 atingem as ilhas de Cabo Verde e, em 1482, a desembocadura do rio Congo.

O Contorno do Cabo da Boa Esperança no extremo meridional da África, por Bartolomeu Dias, em 1487, abriu caminho para as navegações nas costas orientais do continente africano e para as Índias. Entre 1505 e 1515, caravelas lusas exploram o litoral leste da África, aportando em Sena, Moçambique, Zanzibar, Pemba e outros pontos.

Em 1498 Vasco da Gama aporta em Calicute (Índia). Em 1500 uma frota portuguesa comandada pelo inexperiente navegador português Pedro Álvares Cabral chega às costas americanas do Atlântico sul, "descobrimo" o Brasil. Em 1543 os portugueses chegam ao Japão.

NAVEGAÇÕES TARDIAS

O atraso na centralização política justifica o atraso de Inglaterra, França e Holanda na expansão marítima:

- A Inglaterra e França envolveram-se na Guerra dos Cem Anos (1337-1453) e, após este longo conflito, a Inglaterra passa por uma guerra civil - a Guerra das Duas Rosas (1455-1485);
- Já a França, no final do conflito com a Inglaterra enfrenta um período de lutas no reinado de Luís XI (1461-1483). Somente após estes conflitos internos é que ingleses, durante o reinado de Elizabeth I (1558-1603); e franceses, durante o reinado de Francisco I iniciaram a expansão marítima.
- A Holanda tem seu processo de centralização política atrasado por ser um feudo espanhol. Somente com o enfraquecimento da Espanha e com o processo de sua independência é que os holandeses iniciarão a expansão marítima.

CONSEQUENCIAS

As Grandes navegações contribuíram para uma radical transformação da visão da história da humanidade. Houve uma ampliação do conhecimento humano sobre a geografia da Terra e uma verdadeira Revolução Comercial, a partir da unificação dos mercados europeus, asiáticos, africanos e americanos.

A seguir algumas das principais mudanças:

- A decadência das cidades italianas; a mudança do eixo econômico - do mar Mediterrâneo para o oceano Atlântico;
- A formação do Sistema Colonial; enorme afluxo de metais para a Europa proveniente da América;
- O retorno do escravismo em moldes capitalistas;

- O eurocentrismo, ou a hegemonia europeia sobre o mundo;
- E o processo de acumulação primitiva de capitais resultado na organização da formação social do capitalismo

ESTUDO DIRIGIDO

1. Quais os fatores do surgimento do absolutismo?
2. Quais foram os mecanismos utilizados pelo absolutismo monárquico?
3. Quais os monarcas do absolutismo inglês? Que dinastia pertenciam?
4. Qual das alternativas abaixo apresenta as principais características do Mercantilismo?
 - a) Valorização da agricultura, economia baseada em trocas, aumento de importações.
 - b) Aumento das importações, igualdade de salários, política econômica voltada para o social.
 - c) Metalismo, protecionismo alfandegário, industrialização, balança comercial favorável e Pacto Colonial.
 - d) Globalização da economia, economia de mercado, aumento das importações e diminuição das exportações.
5. São características do mercantilismo:
 - a) livre cambismo, fomento às indústrias, balança comercial favorável;
 - b) fomento às indústrias, tarifas protecionistas, metalismo, leis de mercado;
 - c) livre cambismo, pacto colonial, intervencionismo estatal;
 - d) monopólio, livre cambismo, tarifas protecionistas, metalismo;
 - e) balança comercial favorável, metalismo, tarifas protecionistas, intervencionismo estatal.
6. Acerca do absolutismo na Inglaterra, NÃO é possível afirmar que:
 - a) fortaleceu-se com a criação da Igreja Anglicana;
 - b) foi iniciado por Henrique VIII, da dinastia Tudor, e consolidado no longo reinado de sua filha Elizabeth I;
 - c) a política mercantilista intervencionista foi fundamental para a sua solidificação;
 - d) foi consequência da guerra das Duas Rosas, que eliminou milhares de nobres e facilitou a consolidação da monarquia centralizada;
 - e) o rei reinava mas não governava, a exemplo do que ocorreu durante toda a modernidade.
7. O sistema de colonização objetivado pela política mercantilista tinha em mira:
 - a) criar condições para a implantação do absolutismo;
 - b) permitir à economia metropolitana o máximo de auto-suficiência e situá-la vantajosamente no comércio internacional, pela criação de complementos à economia nacional;

- c) evitar os conflitos internos, resultantes dos choques entre feudalismo e capitalismo, que entravavam o desenvolvimento dos países europeus;
- d) ganhar prestígio internacional
- e) obter a garantia de acessos às fontes de matérias-primas e aos mercados consumidores no ultra-mar.

8. Sistema caracterizado pela intervenção do Estado na economia, balança comercial favorável, protecionismo, monopólios, entre outros elementos, são características do (a):

- a) Livre-cambismo.
- b) Capitalismo financeiro.
- c) Capitalismo monopolista.
- d) Capitalismo comercial ou mercantilismo.
- e) Comunitarismo estatal.

9. O soberano não proprietário de seus súditos. Deve respeitar sua liberdade e seus bens em conformidade com a lei divina e com a lei natural. Deve governar de acordo com os costumes, verdadeira constituição consuetudinária (...) O príncipe apresenta-se como árbitro supremo entre as ordens e os corpos. Deve impor as suas vontades aos mais poderosos de seus súditos. Consegue-o na medida em que esses necessitam dessa arbitragem. (André Corvisier. História Moderna) Esta é uma das caracterizações possíveis:

- a) Dos governos coloniais da América.
- b) Das relações entre fiéis e as Igrejas Protestantes.
- c) Do Império Carolíngio.
- d) Dos califados islâmicos.
- e) Das monarquias absolutistas.

10. (MACK) O período de predomínio do mercantilismo caracteriza-se:

- a) pela extinção das empresas monopolistas;
- b) pela luta entre mercadores e fabricantes;
- c) pela grande acumulação de metais preciosos;
- d) pelo desaparecimento das guildas;
- e) pelo surgimento dos primeiros socialistas.

11. (UFGO) Parte integrante da política econômica mercantilista, a concepção monetária preconizava, acima de tudo:

- a) a livre circulação de mercadorias;
- b) uma política industrialista e protecionista;
- c) a proibição quanto a saída de ouro e prata do país;
- d) a exploração das colônias e o desenvolvimento do comércio;
- e) a realização de reformas monetárias e o desenvolvimento do sistema de crédito.

12. Qual era o objetivo dos reis absolutistas, de acordo com a política mercantilista, ao proteger a economia do país?

- a) Aumentar a importações de mercadorias.
- b) Diminuir a entrada de produtos estrangeiros, valorizando e aumentando assim a produção nacional.
- c) Diminuir o poder econômico da burguesia e arrecadar mais impostos.
- d) Fazer com que a economia nacional ficasse mais dependente dos outros países.

13. De que forma o Brasil foi atingido pelo Mercantilismo?

- a) Através do Pacto Colonial, o Brasil só podia comprar e vender mercadorias para Portugal.
- b) O Brasil aumentou as exportações de mercadorias para todos os países da Europa.
- c) Os comerciantes brasileiros passaram a poder comprar mercadorias de outros países com grande facilidade.
- d) Os comerciantes brasileiros ficaram totalmente livres dos impostos cobrados por Portugal.

14. Eram pensadores que formularam teses para justificar o absolutismo:

- a) Nicolau Maquiavel
- b) Jean Bodin
- c) Thomas Hobbes
- d) Jacques Bossuet
- e) Gregório Magno

GABARITO:

- 1. Aliança rei; burguesia; Reformas Religiosas; Elementos Culturais
- 2. Criação de um Exército Nacional; Controle do Legislativo; Controle sobre a Justiça; Controle sobre as Finanças e Burocracia Estatal.
- 3. Henrique VIII (1509/1547) e Elizabeth I (1558/1603). Dinastia Tudor
- 4. C
- 5. E
- 6. B
- 7. C
- 8. D
- 9. E
- 10. C
- 11. C
- 12. B
- 13. A
- 14. E

RENASCIMENTO

O Renascimento foi um movimento histórico ocorrido - inicialmente na Itália e difundido pela Europa - entre os séculos XV e XVI.



O Renascimento

O Renascimento foi um importante movimento de ordem artística, cultural e científica que se deflagrou na passagem da Idade Média para a Moderna. Em um quadro de sensíveis transformações que não mais correspondiam ao conjunto de valores apregoados pelo pensamento medieval, o renascimento apresentou um novo conjunto de temas e interesses aos meios científicos e culturais de sua época.

O Renascimento começou no século XIV na Itália e difundiu-se pela Europa no decorrer dos séculos XV e XVI. O racionalismo, ou a idéia de que tudo pode ser explicado pela razão, é um traço marcante do Renascimento.

Foi caracterizado pela crítica aos valores medievais e pela revalorização dos valores da Antiguidade Clássica (greco-romana). Foi na cidade de Florença que os textos clássicos passaram a ser estudados e as idéias renascentistas difundiram-se para outras cidades italianas e, posteriormente, para outras regiões da Europa.

Além de atingir a Filosofia, as Artes e as Ciências, o Renascimento fez parte de uma ampla gama de transformações culturais, sociais, econômicas, políticas e religiosas que caracterizam a transição do Feudalismo para o Capitalismo. Nesse sentido, o Renascimento pode ser entendido como um elemento de ruptura, no plano cultural, com a estrutura medieval.

ITÁLIA NO SÉCULO XV

O berço do Renascimento foi a Itália em virtude de uma série de fatores:

- Intenso desenvolvimento comercial das cidades italianas que exerciam o monopólio sobre o comércio no mar Mediterrâneo;
- Desenvolvimento e ascensão de uma nova classe social – a burguesia comercial – que passava a difundir novos hábitos de consumo;
- O urbanismo e a disseminação do luxo e da opulência;
- Influência da cultura grega, através do contato comercial das cidades italianas com o Oriente, especialmente Constantinopla;
- O Mecenato, prática exercida pelos burgueses, príncipes e papas, de financiar os artistas, procurando mostrar o poderio da cidade e ampliar o prestígio pessoal;
- A vinda de sábios bizantinos para a Itália após a conquista de Constantinopla pelos turcos Otomanos;
- A presença, em solo italiano, da antiguidade clássica.

Apesar do Renascimento Cultural ter manifestado-se primeiramente na Península Itálica, tendo como principais centros as cidades de Milão, Gênova, Veneza, Florença e Roma, difundiu-se para todos os países da Europa Ocidental. Não obstante, é importante conhecer as manifestações renascentistas da Inglaterra, Alemanha, Países Baixos, e menos intensamente, de Portugal e Espanha.

ASPECTOS DA RENASCENÇA

Os homens que viviam sob a Renascença criticavam a cultura medieval, excessivamente teocêntrica, e defendiam uma nova ordem de valores.

Os principais aspectos do Renascimento foram:

- a) o racionalismo e o abandono do mundo sobrenatural;
- b) o antropocentrismo, onde o homem é o centro de tudo;
- c) o universalismo, caracterizado pela descoberta do mundo;
- d) o naturalismo, acentuando o papel da natureza;
- e) o individualismo, valorizando o talento e o trabalho;
- f) o humanismo.

O HUMANISMO

Humanista era um sábio que criticava os valores medievais e defendia uma nova ordem de idéias. Valorizava o progresso e buscava revolucionar o mundo através da educação. Foi o grande responsável pela divulgação dos valores renascentista pela Europa. Outro elemento responsável pela expansão das novas idéias foi a imprensa de tipos móveis, inventada pelo alemão Johan Gutemberg, tornando mais fácil a reprodução de livros. No Renascimento desenvolveram-se as artes plásticas, a literatura e os fundamentos da ciência moderna.

ARTES PLÁSTICAS

As obras renascentistas são caracterizadas pelo naturalismo e retratam o dinamismo comercial do período. Os estilos desenvolvidos levaram a uma divisão da Renascença em três períodos: o Trecento (século XIV), o Quattrocento (século XV) e o Cinquecento (século XVI).

TRECENTO - destaque para a pintura de Giotto (1276/1336) que muito influenciou os demais **pintores**;

QUATROCENTO - período de atuação dos Médicis, que financiaram artistas. Lourenço de Médici foi o grande mecenas da época. Destaques para Botticelli (1444/1510) e Leonardo da Vinci (1452/1519).

CINQUECENTO - O grande mecenas do período foi o papa Júlio II que pretendia reforçar a grandiosidade e o poder de Roma. Iniciou as obras da nova basílica de São Pedro. O autor do projeto foi Bramante e a decoração à cargo de Rafael Sânzio e Michelângelo. Michelângelo (1475/1564) apesar de destacar-se como o pintor da capela Sistina foi o grande escultor da Renascença.

LITERATURA

Graças à imprensa, os livros ficaram mais acessíveis, facilitando a divulgação de novas idéias.

PRECURSORES

Três grandes autores do século XIV:

- Dante Alighieri (1265/1321), autor de A Divina Comédia, uma crítica à concepção religiosa;
- Francesco Petrarca, com a obra África; e
- Giovanni Boccaccio que escreveu Decameron.

PRINCIPAIS NOMES

ITÁLIA

Maquiavel, fundador da ciência política com sua obra *O Príncipe*, cuja tese central considera que os fins justificam os meios. Contribuiu para o fortalecimento do poder real e lançou os fundamentos do Estado Moderno.

Campanella, que relatou a miséria italiana no livro "A Cidade do Sol".

FRANÇA

- Rabelais, que escreveu *Gargântua e Pantagruel*;
- Montaigne, que foi o autor de *Ensaio*.

HOLANDA

- Erasmo de Roterdan, considerado o "príncipe dos humanistas" que satirizou e criticou a sociedade da época. Sua obra-prima é *O Elogio da Loucura* (1569).

INGLATERRA

- Thomas Morus, que escreveu *Utopia* e Shakespeare, autor de magníficos textos teatrais.

ESPANHA

- Miguel de Cervantes, com o clássico *Dom Quixote de la Mancha*.

PORTUGAL

- Camões, que exaltou as viagens portuguesas na sua obra *Os Lusíadas*.

CIÊNCIA MODERNA

O racionalismo contribuiu para a valorização da matemática, da experimentação e da observação sistemática da natureza. Tais procedimentos inauguraram a ciência moderna.

Principais nomes:

Nicolau Copérnico: demonstrou que o Sol era o centro do universo (heliocentrismo) em oposição ao geocentrismo (a Terra como o centro).

Giordano Bruno: divulgou as idéias de Copérnico na Itália. Considerado herege foi queimado na fogueira em 1600.

Kepler: confirmou as teorias de Copérnico e elaborou uma série de enunciados referentes à mecânica celeste.

Galileu Galilei: inaugurador da ciência moderna e aprofundou as idéias de Copérnico, pressionado pela Igreja negou as suas idéias.

CRISE DO RENASCIMENTO

O Renascimento entra em decadência após a perda de prestígio econômico das cidades italianas, em decorrência das Grandes Navegações - que muda o eixo econômico do Mediterrâneo para o Atlântico; e da Contra-Reforma Católica que limitou a liberdade de expressão.

REFORMA PROTESTANTE

A **Reforma Protestante** foi apenas uma das inúmeras **Reformas Religiosas** ocorridas após a Idade Média e que tinham como base, além do cunho religioso, a insatisfação com as atitudes da Igreja Católica e seu distanciamento com relação aos princípios primordiais.

Durante a Idade Média a Igreja Católica se tornou muito mais poderosa, interferindo nas decisões políticas e juntando altas somas em dinheiro e terras apoiada pelo sistema feudalista. Desta forma, ela se distanciava de seus ensinamentos e caía em contradição, chegando mesmo a vender indulgências (o que seria o motivo direto da contestação de **Martinho Lutero**, que deflagrou a Reforma Protestante propriamente dita), ou seja, a Igreja pregava que qualquer cristão poderia comprar o perdão por seus pecados.



Martinho Lutero

Outros fatores que contribuíram para a ocorrência das Reformas foi o fato de que a Igreja condenava abertamente a acumulação de capitais (embora ela mesma o fizesse). Logo, a burguesia ascendente necessitava de uma religião que a redimisse dos pecados da acumulação de dinheiro.

Junto a isso havia o fato de que o sistema feudalista estava agora dando lugar às Monarquias nacionais que começam a despertar na população o sentimento de pertencimento e colocam a Nação e o rei acima dos poderes da Igreja.

Desta forma, Martinho Lutero, monge agostiniano da região da saxônia, deflagrou a Reforma Protestante ao discordar publicamente da prática de venda de indulgências pelo Papa Leão X.

Leão X (1478-1521) com o intuito de terminar a construção da Basílica de São Pedro determinou a venda de **indulgências** (perdão dos pecados) a todos os cristãos. Lutero, que foi completamente contra, protestou com 95 proposições que afixou na porta da igreja onde era mestre e pregador. Em suas proposições condenava a prática vergonhosa do pagamento de indulgências, o que fez com que Leão X exigisse dele uma retratação pelo ato. O que nunca foi conseguido. Leão X então, excomungou Lutero que em mais uma manifestação de protesto, rasgou a Bula Papal (documento da excomunhão), queimando-a em público.

Então, enquanto Lutero era acolhido por seu protetor, o príncipe Frederico da Saxônia, diversos nobres alemães se aproveitaram da situação como uma oportunidade para tomar os inúmeros bens que a igreja possuía na região. Assim, três revoltas eclodiram: uma em 1522 quando os cavaleiros do império atacaram diversos principados eclesiásticos afim de ganhar terras e poder; outra em 1523, quando a nobreza católica reagiu; e, uma em 1524, quando os camponeses aproveitando-se da situação começaram a lutar pelo fim da servidão e pelas igualdades de condições. Mas esta última também foi rechaçada por uma união entre os católicos, protestantes, burgueses e padres que se sentiram ameaçados e exterminaram mais de 100 mil camponeses. O maior destaque da revolta camponesa na rebelião de 1524 foi Thomas Münzer, suas ideias dariam início ao movimento "anabatista", uma nova igreja ainda mais radical que a luterana.

Ao longo da Idade Média, a Igreja Católica afastou-se de seus ensinamentos, sendo por isto criticada e considerada a responsável pelos sofrimentos do período: guerras, fomes e epidemias seriam como castigos de Deus pelo afastamento da Igreja de seus princípios.

Além das questões religiosas, como o nicolaísmo e a simonia, outros elementos contribuíram para o sucesso da Reforma:

- A exploração dos camponeses pela Igreja - a Senhora feudal. A vontade de terras para o cultivo leva esta classe a apoiar a Reforma;
- Interesses da nobreza alemã nas terras eclesiásticas; A condenação da usura pela Igreja feria os interesses da burguesia comercial;
- O processo de centralização política, onde era interesses dos reis o enfraquecimento da autoridade papal;
- A centralização desenvolve o nacionalismo, aumentando a crítica sobre o poder de Roma em outras regiões.

Nos primeiros anos do século XVI, iniciou-se na Alemanha, a revolução religiosa que deu origem à igreja protestante e que se denominou Reforma. Esse movimento foi uma continuação das tentativas anteriores feitas na Idade Média, dentre as quais se destacavam: as de Wyclif, na Inglaterra e João Huss, na Boêmia - as doutrinas desses heresiarcas, embora condenada pelos concílios, não tinham sido de todo esquecidas.

Havia na cristandade grandes males oriundos do relaxamento, da disciplina do clero, abusos que os fiéis lamentavam, reclamando uma reforma da Igreja "em suas cabeças e em seus membros". Censuravam-se, particularmente, o caráter mundano da corte papal de Alexandre VI e de Leão X, o desprezo da lei do celibato e a ignorância de grande parte do clero. Ademais, favoreceu o movimento da Reforma, o Renascimento, com o estudo e divulgação das ideias dos pensadores da antiguidade, contrária à prática das virtudes e favoráveis à dissolução dos costumes que, todavia, já vinham se assinalando desde os últimos tempos medievais.

Em 1517, o papa Leão X incumbiu os dominicanos, com desagrado de outras ordens religiosas, a pregar, na Alemanha, uma indulgência recolhendo esmolas para a conclusão da igreja de São Pedro, em Roma. Houve abusos no cumprimento dessa incumbência por parte de pregadores, emprestando-se-lhe um caráter mercantil.

Martinho Lutero negou o valor das indulgências e, lançando um repto ao dominicano Tetzel, afixou à porta da igreja de Wittenberg uma lista de 95 teses, nas quais atacava, além dos abusos os dogmas da Igreja.

O fato teve forte repercussão, mas o papa não deu grande importância, julgando simples "querela de frades". Lutero, porém, continuou seus ataques. Embalde tentou o papa obter sua retratação. Lutero queimou publicamente a bula papal que condenava suas teses (1520) e foi excomungado.

A dieta de Worms, convocada pelo imperador Carlos V, condenou Lutero, e seus amigos; para protegê-lo, esconderam no castelo de Wartburgo; onde fez uma tradução da Bíblia, que se considera um monumento literário.

A Reforma rejeitava a autoridade papal, abolia a celebração da missa, a hierarquia eclesiástica, o celibato clerical e ensinava entre outras coisas, o livre exame e a justificação pela fé.

POR QUE ALEMANHA?

Na Alemanha a Igreja Católica era muito rica e dominava amplas extensões territoriais, limitando a expansão econômica da burguesia, inibindo o poder político da nobreza e causando insatisfação camponesa.

LUTERO E A REFORMA

Monge agostiniano que rompeu com a Igreja Católica em virtude da venda de indulgências, efetuada pela Igreja para a construção da basílica de São Pedro pelo papa Leão X. Lutero protestou através da exposição de suas 95 teses, condenando, entre outras coisas a venda das indulgências.

Suas principais ideias reformistas eram:

- Justificação pela fé - a única coisa que salva o homem é a fé, o homem está diante de Deus sem intermediários;
- A ideia de livre-exame, significa que todo homem poderia interpretar livremente a Bíblia, segundo a sua própria consciência;

Sendo assim, a Igreja e o Papado perdem sua função.

As ideias de Lutero agradaram a nobreza alemã que passou a se apropriar das terras eclesiásticas. A revolta atingiu as massas camponesas - que queriam terras - e foi duramente criticada por Lutero.

As doutrinas de Lutero propagaram-se rapidamente pela Alemanha; muitos príncipes as apoiaram, cobijando os bens da Igreja ou por interesse político. Os camponeses receberam-na com alvoroço, revoltando-se contra os senhores, incendiando castelos, igrejas e conventos, pretendendo reformas sociais em nome da religião.

Carlos V (empenhado na luta contra Francisco I, da França), numa primeira dieta reunida em Spira, considera, os partidários da Reforma, certa tolerância individual para livre exercício de seu culto; mas alguns anos depois, retirou a concessão, proibiu a propaganda luterana nos territórios fiéis ao Catolicismo e determinou aos príncipes luteranos, a tolerância da religião católica em seus Estados. Os partidários da reforma protestaram contra essas disposições, daí o nome protestante com que, desde então foram designados.

Mais tarde houve, em Augsburg, outra importante dieta (1530), em que foi apresentado o texto da "Confissão de

Augsburgo” com o resumo das crenças da nova religião. Carlos V rejeitou-a. Os príncipes formaram, pouco depois, uma liga, contra a qual Carlos V guerreou; mas a vitória que obteve não foi proveitosa. A paz deu aos protestantes igualdade política com os católicos e o estranho direito de cada príncipe, determinar a religião de seus súditos (1555).

Com a propagação da Reforma em vários países, outros reformadores surgiram, mais radicais do que o próprio Lutero. Desde cedo, não existiu unidade entre eles, estabelecendo-se pela divergência doutrinária, numerosas seitas que se detestavam e se perseguiam. Uma dessas foi a dos anabatistas, que apareceram na Turíngia e na Holanda, acreditava na necessidade de um novo batismo e queriam a comunhão de bens, o que deu lugar a demorada e sangrenta luta.

A difusão da Reforma, entretanto, ocorreria na Suíça, com dois de seus maiores chefes, Zwinglio e Calvino; na Suécia, com o apoio do novo rei Gustavo Wasa; na Prússia, com o auxílio do grão-mestre da ordem Teutônica; na Inglaterra, com a criação da igreja anglicana; e, ainda, na Escócia, na Dinamarca e na França. Ulrico Zwinglio, um dos propagadores da Reforma na Suíça, era um padre que se rebelara contra Roma, quase, ao mesmo tempo, de Lutero. As suas idéias conseguiram conquistar alguns cantões daquele país; mas, pretendendo constringer outros a segui-las, provocou uma guerra civil em que pareceu.

REFORMA CALVINISTA

Um dos maiores ramos do Protestantismo teve por fundador o francês João Calvino. A princípio encaminhado para a vida eclesiástica, Calvino se fez depois jurista e entusiasta, cultor do Humanismo. Abraçando as idéias da Reforma, pôs-se a pregá-las, perseguido, deixou a França e refugiou-se na Suíça, onde escreveu o livro Instituição Cristã, em que excede as doutrinas de Lutero, rejeita o culto externo e ensina a predestinação dos homens à salvação ou à eterna condenação.

Defesa da teoria da predestinação, onde o destino do homem é condicionado por Deus. Dizia haver sinais de que o indivíduo era predestinado por Deus para a salvação: o sucesso material e a vontade de enriquecimento, pois a pobreza era tida como um desfavorecimento divino.

A valorização do trabalho, implícita na teoria; bem como a defesa do empréstimo de dinheiro a juros contribuem para o desenvolvimento da burguesia e representam um estímulo para o acúmulo de capitais.

Calvino fez de Genebra, onde se fixou, a Roma do protestantismo, onde fundou uma espécie de República Teocrática e organizou sua igreja, que serviria de modelo aos protestantes de língua francesa; formavam-se, na mesma cidade, os ministros que iam organizar as igrejas calvinistas de Holanda, Escócia, Inglaterra e França.

Os partidários de Calvino, na Escócia, vinheram-se a chamar-se presbiterianos; na Inglaterra puritanos e na França, huguenotes.

REFORMA ANGLICANA

Henrique VIII é o reformador da Inglaterra, através do Ato de Supremacia, aprovado em 1534, que colocou a Igreja sob a autoridade real - nascimento da Igreja Anglicana. A

justificativa para o rompimento foi a negativa do papa Clemente VII em dissolver o casamento de Henrique VIII com Catarina de Aragão. Além disto, havia um enorme interesse do Estado nas propriedades eclesiásticas, para facilitar a expansão da produção de lã.

O rei da Inglaterra, Henrique VIII, a princípio defendeu a Igreja contra Lutero, pretendendo, entretanto, que o papa lhe anulasse o casamento com Catarina de Aragão para desposar Ana Bolena. Ante a recusa de Clemente VII, separou-se de Roma, instituindo-se chefe espiritual da igreja de seu reino (Igreja Anglicana).

O cisma que o rei efetuava não pretendia tocar no dogma católico; foi após a morte de Henrique VIII, que a Reforma se estabeleceu na Inglaterra.

Considerando-se católico, exigia, entretanto, Henrique VIII que seus súditos o reconhecessem como chefe da Igreja Inglesa. Sua crueldade fez inúmeras vítimas, entre as quais: duas esposas, o bispo Fisher e o chanceler do reino Thomas Morus, filósofo e teólogo que censurava seu divórcio. Mandou decapitar católicos, porque não lhe reconheciam autoridade espiritual e fez queimar luteranos e calvinistas porque os julgava heréticos.

O estabelecimento definitivo do anglicanismo deve-se a Isabel, filha de Ana Bolena, e que foi extremamente cruel na perseguição aos católicos e puritanos de seu reino; um exemplo de tal crueldade é a trágica morte de sua prima Maria Stuart, rainha da Escócia, que pediria asilo e a quem ela, por ódio religioso e sob iníqua acusação de conspiradora, mandou decapitá-la, depois de conservá-la prisioneira, durante 19 anos.

A CONTRA-REFORMA

Diante do sucesso e da difusão das ideias protestantes, a Igreja Católica inicia a sua reforma, conhecida como Contra-Reforma.

As principais medidas - tomadas no Concílio de Trento foram:

- Proibição da venda de indulgências;
- Criação de seminários para a formação do clero;
- O Index - censura de livros;
- Restabelecimento da Inquisição;
- Manutenção dos dogmas católicos;
- Proibida a livre interpretação da Bíblia;
- Reafirmação da infalibilidade papal.

Com a Contra-Reforma é fundada a ordem religiosa Companhia de Jesus, fundada por Inácio de Loyola em 1534, com o intuito de fortalecer a posição da Igreja Católica em países católicos e difundir o catolicismo na Ásia e América.

ESTUDO DIRIGIDO

1. No contexto do Renascimento, é correto afirmar que o humanismo:

- a) apoiava-se em concepções nascidas na Antiguidade Clássica;
- b) teve em Erasmo de Roterdan um de seus principais expoentes;
- c) influenciou concepções que desencadearam a Reforma religiosa
- d) inspirou uma verdadeira revolução cultural, iniciada na Itália;
- e) contribuiu para o desenvolvimento dos estudos científicos.

2. Todas as alternativas contém objetivos da política da Igreja Católica esboçada durante o Concílio de Trento, exceto:

- a) a expansão da fé cristã;
- b) a moralização do clero;
- c) a reafirmação dos dogmas;
- d) a perseguição às heresias;
- e) o relaxamento do celibato.

3. Com relação ao Renascimento fora da Itália, podemos afirmar que:

- a) o mesmo só poderia penetrar onde houvesse uma estrutura socioeconômica ligada à formação do capitalismo;
- b) teve nas universidades um de seus maiores centros de propagação;
- c) foi mais desenvolvido no campo literário e filosófico;
- d) apresentou maior desenvolvimento artístico do que na Itália;
- e) há apenas uma alternativa errada.

4. Sobre as várias fases do cristianismo, na história do Mundo Ocidental, assinale as afirmações corretas:

- a) Teve origem na Judéia, passando a ser difundido pelo Império Romano através da atuação dos apóstolos.
- b) O poder religioso da Igreja, na Idade Média, influenciou nas atividades políticas, administrativas e culturais.
- c) A insatisfação em relação às atividades da Igreja culminou com o surgimento de várias dissidências, cujo conjunto foi denominado "Reforma Religiosa".
- d) O anseio de propagação da fé católica atingiu a América, através da ação dos jesuítas que acompanhavam as expedições colonizadoras.
- e) A igreja Católica, na atualidade, vem enfrentando um intenso surgimento de novas "Igrejas".

5. Sobre a Reforma Religiosa do século XVI, é correto afirmar que:

- a) nas áreas em que ele penetrou, obteve ampla adesão em todas as camadas da sociedade;
- b) foi um fenômeno elitista quanto ao Renascimento, permanecendo afastada das massas rurais e urbanas;
- c) nada teve a ver com o desenvolvimento das modernas economias capitalistas;

- d) fundamentou-se nas doutrinas de salvação pelas obras e na falibilidade da Igreja e da Bíblia;
- e) acabou por ficar restrita à Alemanha luterana, à Holanda calvinista e à Inglaterra anglicana.

6. O Renascimento Cultural, na Inglaterra, caracterizou-se principalmente pela produção de obras nos campos da:

- a) Escultura e Música
- b) Pintura e Filosofia
- c) Literatura e Escultura
- d) Música e Pintura
- f) Filosofia e Literatura

7. Leia, atentamente, os textos abaixo:

"Erram os pregadores de indulgências quando dizem que pelas indulgências do papa o homem fica livre de todo o pecado e está salvo. (...) É preciso exortar os cristãos a esperar entrar no céu mais pela verdadeira penitência do que por uma ilusória tranquilidade." - Lutero

"Deus chama cada um para uma vocação particular cujo objetivo é a glorificação dele mesmo. O comerciante que busca o lucro, pelas qualidades econômicas que o sucesso econômico exige: o trabalho, a sobriedade, a ordem, responde também o chamado de Deus santificando de seu lado o mundo pelo esforço, e sua ação é santa." - Calvino

In: VICENTINO, Cláudio. História Geral, São Paulo, Scipione, 1997.

- a) Identifique o movimento que promoveu a divulgação dessas ideias.
- b) aponte duas características desse movimento.

GABARITO:

- 1. todas verdadeiras
- 2. E
- 3. C
- 4. Todas verdadeiras
- 5. A
- 6. E
- 7. a) O movimento que divulgou essas ideias foi a Reforma Protestante.
- b) A Reforma Protestante realizou uma série de críticas contra antigas práticas estabelecidas pela Igreja Católica. Além disso, por meio da livre interpretação do texto bíblico, promoveu novos valores que não se assentavam nos antigos dogmas da Igreja.

MERCANTILISMO

O **mercantilismo** deve ser entendido como a política econômica do capitalismo comercial, isto é, do período da história econômica no qual a produção é obtida pelo trabalho assalariado (o que não ocorre no feudalismo) e a acumulação de capital se dá pela atividade comercial.

O comércio centraliza os interesses econômicos, ficando a agricultura e a indústria (artesanato e manufatura) como atividades acessórias, dependentes do comércio. Nesse caso, o mercantilismo constitui um conjunto de práticas que visam ao desenvolvimento da atividade comercial; um conjunto de regras que resultam da prática e que passam a constituir a teoria.

De uma forma mais geral, podemos considerar o mercantilismo como sendo um conceito específico que designa um período da história econômica. Nesse caso se confunde com o próprio capitalismo comercial, sendo tanto um capítulo da economia política (aspecto teórico) quanto da política econômica (aspecto prático).

De qualquer maneira, os limites cronológicos são os seguintes: em termos de execução prática, percebemos sua origem na Baixa Idade Média, encerrando-se em meados do século XVIII; em termos de doutrina econômica vai do século XVII até o século XVIII. Ou, mais precisamente, da publicação de uma obra sobre os princípios gerais do mercantilismo por Antônio Seira, na Itália, em 1613, até a publicação da obra de Adam Smith, *A Riqueza das Nações*, (Inglaterra, 1776), que põe fim ao mercantilismo e dá início ao liberalismo econômico.

TIPOS DE MERCANTILISMO

Os princípios gerais e as práticas mercantilistas variaram de acordo com as condições específicas do Estado que os aplicava. Essas variações vão depender de fatores como: ter colônias produtoras de metais ou agrícolas; possuir indústrias desenvolvidas, de produtos de consumo mais geral ou de luxo; existir atividade comercial, frota mercante, de guerra e até corsária; haver atividade agrícola, de matérias-primas ou de produtos alimentícios. De acordo com estes princípios gerais, podemos elencar cinco tipos básicos.

ESPANHA: METALISMO OU BULIONISMO

A forma mais antiga e tradicional de mercantilismo foi praticada pelos espanhóis e, pelas características que apresentou, foi denominada **bulionismo** (metalismo). O fato de possuir colônias produtoras de metais na América, principalmente no México e Peru, colocou os espanhóis em condições de importar produtos manufaturados, e mesmo alimentícios, contra a exportação de metais.

Os efeitos dessa prática foram enormes. Primeiro fizeram quase desaparecer as atividades agrícolas e manufatureiras na Espanha; depois, aumentaram de tal forma o meio circulante na Europa, que ocorreu uma forte alta dos preços – de 1540 a 1640 os preços na Europa foram quadruplicados – que ficou conhecida por **Revolução dos Preços**. Ainda mais, o fato de os espanhóis possuírem os metais amoeáveis e consumirem produtos em larga escala

Os componentes essenciais do mercantilismo são: **balança comercial favorável**, **monopólio** e **protecionismo**. No início a balança comercial era o dado mais importante, ficando o monopólio e o protecionismo como instrumentos dela. O monopólio garantido pelo protecionismo depois ganhou mais destaque, passando a constituir o dado essencial do sistema mercantilista – seu elemento definidor.

OBJETIVOS DO MERCANTILISMO

FORTELECIMENTO DO ESTADO

O mercantilismo está estreitamente ligado ao processo de formação das monarquias nacionais europeias, que dariam origem ao Estado Moderno. Tal é a estreiteza desta relação que o mercantilismo é considerado como uma política econômica a serviço do Estado, um verdadeiro nacionalismo econômico.

ENRIQUECIMENTO DA BURGUESIA

No início do mercantilismo esta ideia de enriquecimento é correta, quando o progresso do Estado é um instrumento de ascensão da burguesia. Nesse caso o rei se fortalece e a burguesia mercantil a ele ligada também.

Em última análise, a política mercantilista resulta dos interesses da burguesia mercantil, e deveria portanto atender a seus interesses.

Este atendimento é indireto porque depende do fortalecimento do Estado e, por conseguinte, do rei.

fez com que os demais países europeus se adaptassem para tirar vantagens dessa situação.

INGLATERRA: MERCANTILISMO COMERCIAL

O mercantilismo praticado pela Inglaterra pode ser chamado de **comercial** primeiro, e **industrial** por último. De fato, os ingleses, possuidores de excelente França: colbertismo (mercantilismo industrial).

Os franceses apoiaram suas atividades comerciais na produção de artigos de luxo destinados à exportação. De igual importância eram os produtos agrícolas. Assim, o mercantilismo francês merece a rotulação de essencialmente **industrial** – denomina-se **colbertismo** por causa do ministro Jean Colbert, de Luís XIV, que estimulou profundamente esta atividade.

PAÍSES BAIXOS: MERCANTILISMO MISTO (COMERCIAL-INDUSTRIAL)

Um tipo misto de mercantilismo **comercial** e **industrial** foi praticado pelos Países Baixos. A indústria pesqueira garantia grande massa de exportação. As refinarias de açúcar também. A produção têxtil era das mais antigas da Europa. As atividades comerciais eram igualmente antigas. As companhias holandesas de navegação punham a Europa em contato com os mercados produtores de especiarias no Oriente. Eram elas apoiadas pelo Estado, com o qual praticamente se confundiam, e pelo Banco de Amsterdam, criado para financiar suas atividades. A Companhia das

índias Orientais, criada em 1602, teve tal êxito que logo proliferaram em toda a Europa as companhias de comércio, principalmente na Inglaterra.

ALEMANHA: CAMERALISMO

Na Alemanha, a prática mercantilista era denominada **cameralismo**, pois o comércio era regulado por câmaras que representavam um conjunto de cidades comerciais.

ESTUDO DIRIGIDO

01. As práticas de intervenção estatal na economia durante a Idade Moderna ficaram conhecidas como mercantilismo, caracterizado:

- Pela limitação das atividades das companhias privadas, dados os privilégios concedidos às empresas estatais.
- Pela preocupação com o enriquecimento da burguesia em detrimento da nobreza feudal, garantindo a aliança de burgueses de vários.
- Pelo monopólio metropolitano entre as colônias da América, que passou a estimular as disputas entre as empresas burguesas dos mercados.
- Pelas teorias metalistas, responsáveis por práticas protecionistas, que promoveram grande rivalidade entre as nações europeias.
- Pelo controle exclusivo extenso, ou seja, metropolitano e, ao mesmo tempo, pela livre concorrência interna.

02. O "Bulionismo" ou entesouramento caracterizava a prática mercantilista do início dos tempos modernos. Tal prática pode ser entendida como:

- A exclusividade econômica garantida pelas metrópoles no comércio colonial.
- A disposição dos europeus em defender seus interesses econômicos por meio de sucessivos tratados.
- A intenção das nações ibéricas no sentido de liderar uma unificação econômica europeia.
- A preocupação dos portugueses e espanhóis em garantir o desenvolvimento da economia de suas colônias.
- A disposição de procurar e acumular metais preciosos.

03. O soberano não proprietário de seus súditos. Deve respeitar sua liberdade e seus bens em conformidade com a lei divina e com a lei natural. Deve governar de acordo com os costumes, verdadeira constituição consuetudinária (...) O príncipe apresenta-se como árbitro supremo entre as ordens e os corpos. Deve impor as suas vontades aos mais poderosos de seus súditos. Consegue-o na medida em que esses necessitam dessa arbitragem. (André Corvisier. História Moderna). Esta é uma das caracterizações possíveis:

- Dos governos coloniais da América.
- Das relações entre fiéis e as Igrejas Protestantes.
- Do Império Carolíngio.
- Dos califados islâmicos.
- Das monarquias absolutistas.

04. Sistema caracterizado pela intervenção do Estado na economia, balança comercial favorável, protecionismo, monopólios, entre outros elementos, são características do (a):

- Livre-cambismo.
- Capitalismo financeiro.
- Capitalismo monopolista.
- Capitalismo comercial ou mercantilismo.
- Comunitarismo estatal.

05. Num universo social de analfabetos, eram imagens, vistas pelos fiéis por dentro e por fora, ao longo de toda Igreja, que transmitiam e repetiam imutáveis as lições da teologia cristã. A arte (...) não guardava nenhuma relação necessária com a realidade concreta e cotidiana do mundo.

O texto do historiador Nicolau Sevcenko retrata o papel da arte no mundo feudal. Essas características foram alteradas:

- Com a formação das Monarquias nacionais, na medida em que, apenas com o poder centralizado, se adotou uma nova visão do mundo.
- A partir da Reforma Religiosa, que quebrou o poder universal da Igreja Católica, permitindo a liberdade de expressão.
- No processo de transição feudo-capitalista, quando a ascensão de uma nova camada social possibilitou o desenvolvimento de uma nova cultura, individualista.
- Devido às cruzadas, que possibilitaram uma nova dinâmica à economia e às cidades e permitiram a chegada de obras artísticas de origem árabe.
- Somente após a expansão marítima, quando os europeus estabeleceram contato com outros povos, ou seja, com diferentes realidades.

06. (CESGRANRIO) A característica mais conhecida do chamado "mercantilismo francês" é:

- a importância atribuída à expansão colonial;
- o industrialismo estritamente regulamentado;
- a grande importância dada ao tráfico de escravos;
- a política anti-inglesa;
- o amparo à agricultura.

07. (MACK) O período de predomínio do mercantilismo caracteriza-se:

- pela extinção das empresas monopolistas;
- pela luta entre mercadores e fabricantes;
- pela grande acumulação de metais preciosos;
- pelo desaparecimento das guildas;
- pelo surgimento dos primeiros socialistas.

08. (MACK) Pode ser considerada uma característica do Sistema Colonial:

- a adoção, por parte das metrópoles, uma política liberal que facilitou a emancipação das colônias;
- a não-intervenção do Estado na economia e o incentivo às atividades naturais;
- o monopólio comercial metropolitano e a sua influência no aquecimento da burguesia e no desenvolvimento do capitalismo;
- a extinção do trabalho escravo e o desenvolvimento econômico das áreas coloniais;
- a economia voltada para o mercado interno e para a acumulação capitalista no setor colonial.

09. (UFGO) Parte integrante da política econômica mercantilista, a concepção monetária preconizava, acima de tudo:

- a) a livre circulação de mercadorias;
- b) uma política industrialista e protecionista;
- c) a proibição quanto a saída de ouro e prata do país;
- d) a exploração das colônias e o desenvolvimento do comércio;
- e) a realização de reformas monetárias e o desenvolvimento do sistema de crédito.

10. (UFRN) O sistema de colonização objetivado pela política mercantilista tinha em mira:

- a) Criar condições para a implantação do absolutismo.
- b) Permitir a economia metropolitana o máximo de autossuficiência e situá-la vantajosamente no comércio internacional, pela criação de complementos à economia nacional.
- c) Evitar conflitos internos, resultantes dos choques entre feudalismo e capitalismo, que entravavam o desenvolvimento dos países europeus.
- d) Ganhar prestígio internacional;
- e) obter garantias de acesso às fontes de matérias-primas e aos mercados consumidores no ultramar.

11. No contexto do mercantilismo, o que significava o Exclusivo Colonial?

Gabarito

1-C

2-E

3-E

4-D

5-C

6-B

7-C

8-C

9-C

10-B

11- Significava a determinação de que aquilo que era produzido na Colônia só poderia ser explorado pela metrópole que sobre ela tinha domínio.